Assinaturas

Ano — — Cr.\$ 20,00 Semestre - Cr.\$ 12,00 Pagamento Adiantado

Anúncios e Publicações de acordo com a TABELA

REDAÇÃO RUA 15 DE NOVEMBRO N. 373 CAIXA POSTAL N. 30

REDATOR CHEFE: ORLANDO PAULETTI

DIRETOR: ALEXANDRE CHITTO (ORGÃO INDEPENDENTE)

ANO IX

S. PAULO

Ubirama, 19 de MAIO de 1946

BRASIL

NÚMERO 421

ALEXANDRE CHITTO

Hoje a imigração é um problema que, no Brasil, se procura solucionar de um modo que não favoreça uma parte em detrimento de outra, Isto é, que a lavoura consiga braços necessarios ao seu desenvolvimento e, por outro lado não venha agravar se sinda mais a situação economica do brasileiro, com o aumento da população, quase que já insuportavel.

Entorno desse dilema surgem opiniões de homens abalisados em assuntos imigratorios e economicos. Uns sus tentando a tése de que, por enquanto, deve ser evitada a imigração. Correntes opostas, entretanto, opinam que a la cuna deixada pelo exodo dos rurais ás grandes cidades, precisa ser preenchida com estrangeiros imediatamente

E assim, agora, se discute o problema da imigração,

a sua vinda imediata ou não.

Adimitamos que sim, a lavoura necessita, e com ur gencia, de braços. Mas como, depois, poder-se á obrigar imigrante permanecer na lavoura? A não ser que se the o fereça as condições tais as encontra nas grandes cidades: saude, higiene, educação e altos sálarios. Condições, aliás, que o nacional, até agora, não encontra e não encontrou na vida do interior. A sua subsistencia aqui, com relação a esses pontos de vista, é simplesmente lamentavel. O trabalh dor da roça permanecerá onde está se desconhecer completamente as condições que o esperam num centro industria:

E depois, a industria nacional, um tanto ficticia em relação á americana e á inglêsa será que poderá manter-se no estado atual ou se desenvolver sem ter que passar por mudanças criticas, pondo, em seguida, em liberdade o ope-

rario que atualmente tira da lavoura?

E se tal fato acontecer, aonde irá a massa camponêsa que vai se agregando nas grandes cidades? Ao campo novamente? Volta á vida primitiva? E voltará com a mesma disposição de outr'ora depois de se haver habituado num centro citadino?

E de que maneira regressar se já estiverem tomadas

as zonas rurais pelos imigrantes?

A nosso ver, quem opina que a imigração deve ser retardada está com a razão. Apressa-la agora seria ir de encontro a um serio problema suscetivel, tornar a existencia do brasileiro mais critica ainda.

## A firma Matarazzo manterá os preços minimos estabelecidos no plano de emergencia.

Noticia-se que a firma correncia, os preços mi preços minimos estabelecidos no plano de emergencia.

Eis o que se publica

a respeito:

Foi assinado, ontem, no Ministerio da Fazenda, o contrato entre o governo federal e a Sociedade Anonima Industrial Reunidas F. Matarazzo, com a anuencia dos Estados interessados para defesa real da produção rural, garantia da exportação e preservação do consumo interno dos cereais.

A firma Matarazzo irá manter, por conta do Governo Federal no terreno comercial de livre con- da Agricultura.

Industrias Reunidas F. nimos aprovados pelo Matarazzo manterá os presidente da Republica no Decr. lei n. 7.774, Plano de Emergencia, comprando e milho, o arroz, o feijão, a soja, o amendoim e a semente do girassol onde quer que a mercadoria seja oferecida ou se torne necessario compra-la. Firmará, outrossim, os preços maximos, de acordo com a politica de preços do Governo Federal, quando assim por este seja determinado.

Representou S. Paulo no importante compromisso o dr. Francisco Malta Cardoso, secretario

## **COMENTA-SE**

Nos circulos bem informados de Ubirama, comenta-se que a dificiencia da iluminação publica nesta cidade não e totalmente motivada pela falta de meios de produzir energia. Mas comenta se que o contrato entre a prefeitura e a Companhia Paulista de Força e Luz venceu a muito tempo. E assim sendo, a Companhia não está disposta a tomar nova medida em relação, a Ubirama. Ela deixa assim para vêr como e que fica.

Neste caso, aquem cabe entrar em entendimento com a Companhia? A' Prefeitura? Ao gover-

no? Ou a quem?

Não sendo possivel um contrato agora com a Companhia Paulista de Força e Luz, dadas às circunstancias politicas, ao menos entrar em entendimento com a mesma para substituir as atuais lampadas por outras maiores. Se não todas em parte, nas principais arterias da cidade, ao menos.

Ou nem isso? O povo de Ubirama, paga ou não paga a sua iluminação publica? Não? Deixase a cidade as escuras, é preferivel. Sim? Então é preciso melhorar a ilu-

minação. Assim e que não pode

## Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

De ordem da Inspetoria Regional, esta Agencia de Estatística concede da Usina.

mais um prazo de 10 dias, para a devolução dos questionarios do REGIS-TRO INDUSTRIAL, do exercicio de 1946, devidamente preenchidos.

> Emancel Canova Agente Municipal

Proibido o despacho de oleo de algodão fora da Capital.

Da Secretaria da Agricultura informa-se que terminantemente proibido o despacho de oleo de caroço de algodão fóra da capital.

# USINA DE AÇUÇAR

Por intermédio do sr. Luiz Azevedo, o instituto do Açugar e do Algool já entrou em entendimento com a Prefeitura afim de solucionar o caso do Matadouro.

Anteontem, em nossa redação, fomos procurados pelo sr. Luiz Azevedo, Gerente da Distilaria Central de Ubirama, participando-nos que, por ordem do Instituto do Açucar e do Alcool, entrou em entendimento com o sr. prefeito afim de coneguir a remoção do matadouro municipal e a aquisição do respectivo terreno.

E por sua vez, o governador da cidade, sr. José Salustiano de Oliveira está encaminhando o pedido ao Departamento

competente.

Como se vê, essa comunicação é um desmentido formal a noticia publicada no Diario de S. Paulo, anunciando que o Instituto do Açucar e do Alcool havia já se desinteressado na construção

- MÉDICO

CLINICA GERAL - OPERAÇÕES - PARTOS

Floriano Peixoto, 345 - UBIRAMA - Fône, 61

ういついっとういういうこうこうこうこうこうこうこうこうこうこうこう

## Alfaiafaria Cicconi

(Confecções a Capricho)

# Giovanino Cicconi

Mantem sempre em estoque linhos nacionais e estrangeiros, casimiras de alta qualidade.

Rua 15 de Novembro, 583 - Est. S. Paulo

UBIRAMA

# Futebol

Esta tarde o Luzitana F. C. disputará em Ubirama a sua primeira partida da presente temporada.

Está marcado para hoje o jogo entre o C. A. Lençoense e o Luzitana F. C. em disputa da rodada da 5.a região.

Dada a otima forma fisica e tecnica dos dois contendores é de se esperar um prelio sensacional.

Pois Waldemar de Brito vem certo que os seus homens serão os vencedores e Sandro, por sua vez, pretende que os lencoenses reafirmem seus grandiosos feitos destes ultimos tempos, vencendo os lusos.

Portanto, mais uma sensacional e espetacular partida de futebol em Ubirama, em prosseguimento ao campeonato do interior, da 5 a região.

O quadro lençoense será escalado á ultima

Assinem Leiam e Propaguem «O ECO»

## Atingida por uma vaca, sofreu grave ferimento.

No dia 9 do corrente, d. Carmela Bertele Malavasi, esposa do sr. Silvio Malavasi quando estava tirando leite de uma vaca, o animal, virando-se ligeiramente, atingiu aquela senhora, com um dos chifres, no ventre, sofrendo grave ferimento.

Dona Carmela, sendo socorrida imediatamente. foi recolhida ao hospital local.

Segundo fomos informados, o seu estado não é desesperador.

## O Imposto de Renda e os Municipios.

«O Jornal» do dia do corrente, publica um editorial dizendo que os srs. Mario Mazagão e Eduardo Duvivier apresentaram uma emenda na Comissão Constitucional, estabelecendo que o 10% da arrecadação do imposto sobre a renda sejam distribuidos aos municipios.

A ideia foi recebida com grande simpatia.

### **ESCRITORIO** COMERCIAL "OLIVEIRA"

Depart. Com. e Contabil.

Alfredo O. Capucho

Rua Tibiriçá n. 530 Caixa Postal, 9 - UBIRAMA

Depart. Juridico. Dr. JOÃO FERHEIRA SILVEIRA

Rua 13 de Maio N. 261 **AGUDOS** 

Ficou adiada para esta tarde, ás 13 horas a reunião de canavieiros, comerciantes e industriais afim de tratar da Usina de Açucar.

No dia 15 do corrente, no Cine Guarani devia realizar-se uma reunião de canavieros, comerciantes e industriais desta cidade, afim de se tratar da isntalação da Usina de Açucar em Ubirama.

Mas como grande numero de canavieiros não compareceu à anunciada reunião ficou adiada para as 13 horas desta tarde no mesmo tocal.

Pede-se. portanto, o comparecimento de maior numero possivel de canavieiros, comerciantes industriais e pessôas interessadas no assunto.

Peiorou a situação da farinha.

Circulando a noticia que peiorou a situação da farinha de trigo em S. Atraz do Sol Nascente

Paulo, convem que da pouca existente nesta cidade, se faça o pão com a devida mistura estipulada por lei. Assim sendo, a população terá por mais tempo.

## O Presidente da Republica decretou a nova Lei Eleitoral do Brasil.

No dia 13 do corrente, o Presidente da republica decretou a nova lei eleitoral do Brasil, qual dispõe do cancelamento do registro partidos.

O partido que receber do estrangeiro orientação politica-partidaria, subvenção em dinheiro ou de qualquer outra maneira, ou ainda que praticar atos contrarios á lei macional, incorrerá nas penalidades do Tribunal Superior.

Hoje, no Cine Guaraní:

Bar e Restaurante «PAULISTA»

## Vitorio Coneglian

Bebidas nacionais e extrangeiras, doces, petisqueira á toda hora.

Rua 15 de Novembro, 813

Fone, 60

UBIRAMA

## Apareceu um «Hitler» na Argentina.

BUENOS, AIRES, 14 -A noticia de que um sosia de Hitler o uo proprio nazista se encontrava em tratamento num hospital da cidade de Posadas poz em polvorosa o lugar, cujas ruas foram tomadas pela multidão. O certo é que o referido individuo possue tôdas as carecteristicas do «Fuherer», tendo nascido na Austria, na mesma data que ele.

# Dr. João Paccola Primo

MÉDICO

Clínica geral de adultos e crianças - Cirurgia - Partos

Doenças do Ouvido, Nariz e Garganta

Ex-interno por concurso do Pronto Socorro do Rio de Janeiro — Ex-interno por concurso da Maternidade do Hospital São Francisco de Assis á cargo do Dr. Aguinaga. — Ex-interno residente da Casa de Saúde São Jorge (Rio de Janeiro)

Caixa 35 Estado de São Paulo Fone, 48 UBIRAMA

# FUTEBOL Em Ubirama

Em sensacional e grandiosa partida, o C. A. Lencoense venceu merecidamente o Agudos F. C. pela contagem de 2 a 1, domingo ultimo. Bizorro e Pedrinho os marcadores para os locais

e Carabina para os agudenses.

go da primeira rodada do torneio da 5.a região, domingo ultimo, o C.A. Lençoense enfrentou o Agudos F. C. vencendo o merecidamente pela contagem de 2 a 1.

Pois, tratando-se de dois velhos rivais e da. da a sua colocação na tabela, o prelio entre os dois adversarios vinha sendo aguardado com particular interesse em todos os meios esportivos da redondesa. E den tro dos prognosticos gerais dos «fans» de ambos os bandos formou-se, tanto em Agudos como em Ubirama, um ambiente otimista, uma atemosfera e disposição de conquistar os louros da vitoria. E assim sendo, aquele caracterizou-se entusiasmo proprio do futebol, reunindo ao re dor da praça de esporte lencoense numeroso povo, tomando literalmente as dependencias.

Porem, o tecnico Sandro confiava nos seus pupilos e que estariam dispostos a uma grandiosa prova. Pois indubita velmente o quadro lencoense apreseutou-se tecnica e fisicamente preparado, revelando que no «Cinco Alqueires» ele é um temivel adiversario.

Aliás não se podendo negar que agudos possue um excelente esquadrão, cuja derrota lhe foi infligida mais porque a resistencia fisica dos lençoenses fora eficientissima, outorgando-lhes nitida superioridade, principalmente durante os ultimos vinte e cinco minutos do cotejo, periodo bastante critico para os visitantes, dando sinais de estarem entregando os tentos.

O primeiro tempo findou sem ser aberta a contagem, desenrolandose com leve superioridade dos locais, que perde ram ocasiões certas para vencer a cidadela de Leopoldo.

A segunda fase, entretanto, foi mais movimentada e de maior sensa-!

Disputando o ultimo jo- | Carabina, cabeceando um escanteio, consignou o primeiro ponto da tarde em favor de sua turma. Porem, os lencoenses reagiram a altura, obrigando os agudenses a sucessivos escanteios, um dos quais, atirado por Helio, se aproveitou Pedrinho, colhendo espetacularmente de cabeça, empatando a partida, depois de alguns minutos.

Continuaram os locais submetendo os agudenses a forte pressão, até que Bizorro, aproveitando-se de um calculado passe de Helio, venceu a vigilancia de Leopoldo, com uma fortissima cabeçada, marcando assim o segundo ponto para os lençoenses.

Isso aos 38 minutos. E dai por diante os agudenses davam sinais de estar decretada a sua derrota, empenhando se para que os lençoenses não aumentassem a sua contagem.

naquele domingo completo dos lençoenses terminou o prelio com a vitoria dos alvi negros pelo escore de 2 a 1. Alias merecidissima.

Assim sendo, Sandro viu a turma sob e sua guarda triunfar mais uma vez, não obstante o mestre Del Debio vindo a Ubirama para dar lhe uma licão técnica, com um lhante exito que deveriam colher os agudenses.

Todavia, quem a recebeu foi Del Debio, não propriamente no jogo em si, mas esportivamente, quando o velho craque paulista mandou «quebrar» Ilmo e Belfare e tambem no momento em que, fóra do campo, Del Debio pretendia orientar a sua turma.

Ai, Del Debio foi vaiado e justamente, pelo pouco caso, aliás, dos momentos que os lençoenses julgaram felizes vê-lo entre nós

Espirito... esportivo.

Atuou a partida o sr. Brasil Carretta, árbitro da F. P. F. tendo boa acão, mormente quando tuação revelando algu-

mas falhas que deixou passar de ambos os lados.

Os quadros entraram assim organizados Agudos: Leopoldo, Jair e Paim; Gatinho, Guimarães e Maneco; Gutti, Bueno, Carabina, Dinho e Zé Benjamin.

Leuçóis: Oberdan, Imparato e Limão; Belfare, Ilmo e Abilio; Helio, Bizorro, Mano, Pedrinho e Tite.

Pela primeira vez perdem os Aspirantes nosso campo.

Na preliminar entre o com binado intitulado «Virgilio Rocha F. C.» e os Aspirantes do C. A. Lençoense, venceram os visitantes pela contagem de 2 a 1. Perdem portanto, os Aspirantes pela primeira vez, em seu proprio campo.

Anunciem neste jornal tratamento da sifilis».

## Inaugurado o Placard

Domingo passado, na nossa praça de esporte, foi inaugurado um belissimo «placard», para melhor por ao corrente a torcida na contagem dos pontos.

Pela nova introdução em nosso campo, muito concorreram os Irmãos Batistela, moços que admiram e auxiliam o fute-

bol local.



« Medicação auxiliar no

# Banco Nacional da Cidade de S. Paulo, S.A.

### FUNDADO EM 1924

Capital . . . . . . Cr. \$ 12.300.000,00 Fundos de Reserva . Cr. \$ 17.505.595,40

SEDE CENTRAL: São Paulo -

Rua São Bento, 341

FILIAIS:

Curitiba, Rio de Janeiro e Santos.

AGENCIAS: Barra Mansa (Estado do Rio) - Araguaçú - Botucatú (Estado de S. Paulo) -Cambará (Estado do Paraná)—Campinas-Cruzeiro-Jaboticabal -- Jacarei - Jau-Lorena - Mogí das 'ruzes - Mogí Mirim-Pinhal - Piracicaba Presidente Prudente - Santa Cruz do Rio Pardo -Santo André - Sertãozinho - Taubaté - Ubirama (todas no Estado de São Paulo) e Agências Urbanas Central, Norte (Brás) e Oeste (Luz).

## Taxas para Contas de Depósitos

C/C. Movimento Juros 3% aa Juros 5% aa. C/C. Limitadas Depósitos a Prazo Fixo e com Aviso Prévio taxas especiais a combinar.

### TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Agência em UBIRAMA: Rua 15 de Novembro, 779

# JUCIAIJ

## Amôr perdido

Ontem, pela manhã, estava eu contemplando as rosas domeu jar dim, muitas das quais já me pediste para enfeitar os teus porta-

E ali, com os pensamentos vagando, posei os olhos sobre uma gota de orvalho, brilhando na

ponta de uma pétala.

Olhel bem! E, no interior da gota, vi um rosto de mulher. E'ra o teu. Olhei melhor, tu estavas me chamando, amentrontada com o aparecimento do Sol, que vinha já resvalando os horizontes, para desmanchar a tua cristalina mansão.

E eu, confuso e apressado, quiz apanhar a gota, mas ela caiu, desfazendo-se na relva. E tu desaparecestes em seguida. Procurei-te, todavia em vão.

Amôr perdido, pensei comigo

mesmo.

LISSER

## Aniversários

Fazem anos:

Hoje o jovem Armando Biral, residente em S. Paulo; o menino Fernande Antonio de Barros, filho do sr Antonio de Barros e d. Idalina C. de Barros, e a sta. Alzira Paccola.

Dia 20, o menino Edo Mario de Santis, a sra. Amabile Baccili, esposa do sr. Hermenegildo Baccili; o sr. João Moura Camargo, a sta. Luiza Cacciolari, a sra. Neuza Diniz Paccola, esposa do sr. Alberto Paccola; a sta. Dirce Coneglian e a sta. Henriqueta Ferrari.

Dia 21, a jovem Maria Coneglian, o jovem Renato Ciccone, o sr. Jesué Briquese, residente em São Caetano; e a menina Maria Angelina, filhinha do sr. Armando Roalando Paccola e d. Iracema L. Paccola residente em Lins.

Dia 22, a menina Edna Baccili, a menina Wilma Rita Tonin e o jovem Jo-

sé Ribeiro Leite.

Dia 23, a jovem Eliza Batistella, o sr. prof. João B. Vianna Nogueira, a sta Ninfa Pietraroia, o sr. Ticiano Netto, a sra. Maria Loreta Tedesco, esposa do dr. Antonio Tedesco; a menina Irma Stanguini e a sta Ermelinda Luiza Ponsoni.

Dia 24, a sta. Cacilda Segalla e a sra. Hermelinda B. Giovanetti, esposa do sr. Alberto Giovanetti.

## Itinerantes

Acha-se em visita a esta cidade o sr. Dino Pavanato, contador da Agencia do Banco Nacional da Cidade de S. Paulo em Mogi das Cruzes.

Diretor: Alexandre Chitto

Ubirama, 19 de MAIO de 1946

NÚMERO 421

Redator-Chefe: Orlando Pauletti

## Nomeação

ANO IX

No dia 10 do corrente, foi nomeado escrivão de Policia o sr. Afredo Cres. do Cartorio Local.

## Nascimento

No dia 14 do corrente. o lar do sr. Horacio Moretto e sua esposa d. Angelina C. Moretto registrou o nascimento de sua filhinha, que na pia batismal receberá o nome de Jeanice Therezinha.

## Ponte Ubirama-Macatuba.

Ha muito tempo que o Departamento de Estrada de Rodagem mandou demolir a ponte que liga esta cidade a Macatuba, po sentido de ser construida uma nova.

Não obstante isso já ha mais de um ano, a ponte foi somente iniciada e depois, os serviços abandonados.

E assim lá esta não se sabendo quando o Departamento está disposto a mandar terminar a obra, visto em épocas de chuva ser quasi que impossivel passar pelo desvio provisorio.

E agora que entre Ubirama e Macatuba foi organizada uma linha permanente de Onibus, a construção imediata da ponte se faz sentir mais ainda.

Esperemos, pois, que as partes competentes tomem medidas urgentes nesse sentido, antes alias que se inicien as chuvas, porque contrariamente se ria impossivel uma linha de Onibus permanente en tre Ubirama e Macatuba.



# UM GRANDE POETA QUE DESAPARECE Catulo da Paixão Cearense

O Brasil, chora ainda, a perda de um dos seus mais ilustres filhos.

Catulo da Paixão Cearense, fechou os olhos para a vida! Mas não deixou de existir, para os que conhecem sua poesia.

Poeta regionalista, cantou com graça e singeleza singular as belezas e doçuras do posso vasto sertão.

Sua vida, longa serie de imprevistos e de dificuldades,

foi toda ela, dedicada a poesia, arte em que se tornou ine-O seu éstro incomparavel foi sempre mais pela poesia

sertaneja onde as Musas das florestas pareciam sempre ins-

No «Luar do Sertão», uma das suas melhores poesias podemos ver o amor que o insigne poeta dedicava aos nossos sertões:

« A gente fria Nesta terra sem poesia, Não se importa com a lua Não faz caso do luar! Enquanto a onça La na verde capoeira Leva uma hora inteira Vendo a lua a meditar! »

Autor de diversas canções, vemos na sublimidade dos seus versos o maior estoicismo e desprendimento pelas cousas terrenas aspirando unicamente as espirituais, como se vê em «TALENTO E FORMOSURA»:

« Terei mais glorias em conquistar com sentimento Pensantes almas de varões de alto saber, E com amor e com pujança de talento, Fazer um Bardo ternas lagrimas verter. Isto é mais nobre, mais sublime e edificante Do que vencer um coração ignorante; Porque a beleza é só materia e nada mais traduz Mas o talento é só espirito e só luz!»

Poeta de alma elevada, talvez houvesse sofrido bastante devido a simplicidade de sua vida incompativel com as pompas da opulencia, e é então quando exclama ainda:

«Que a inspiração dos versos meus só devo a dor!»

Nasceu no Maranhão em 1863; e adolecente ainda dirigiuse para o Ceará, e mais tarde tentando introduzir o violão na Corte viu seus planos fracassados porquanto o violão éra repudiado pelos preconceitos da aristocracia, mas não esmoreceu até que com o decorrer dos anos sentiu realizaremse os seus sonhos ao ver o violão elevado a instrumento de classe conjuntamente com os seus contemporaneos como sejam «Francisco Baheta», «Mario Pinheiro» e «Eduardo das Neves» que conseguiu com seu violão dar concerto em Paris não só aristocratizando o violão como imortalizando-lhe as canções assim como neste verso:

« A lua nasce por detraz da verde mata, Que parece um sól de prata, Prateando a solidão. A gente pega na viola que ponteia E' a canção de lua cheia, Vem nascer no coração! »

Catulo ainda homem de ação e energia intelectual não podia deixar estagnar o seu talento, dedicou-se de corpo e alma ao culto das letras e chegou a ser mestre de francez e professor de portuguez, sustentando polemicas com filologos ilustres, deixando sempre transparecer o seu sentimento pela conquista da posteridade... senão vejamos:

« Enquanto a mim irei sonhando o i eu ideal de amor Que é sempre novo no viçor da primavéra Na lira austéra em que o senhor me fez tão déxtro Será o meu éxtro só do que foi imortal.»

Catulo, não morreste para nós! Viverás na alma do povo, em tuas canções, poesias e lendas como tu mesmo o previste ainda em ««TALENTO E FORMOSURA»:

Que os versos meus Em meigos tons hão de gemer E eu merto embora Nas canções hei de viver!

Hoje, no Cine Guarani: "Atraz do Sol Nascente"

# A VIDA COMEÇA AOS CINQUENTA

Apresentado sob diversos angulos, o livro de Pitkwin e Bradford — "A Vida Começa aos Quarenta", esgota suas edições. Qual será a causa dêsse êxito? Possivelmente, pelo otimismo que comporta. Para Buffon, a idade é um preconceito condicionado pela existência da aritmética. Na realidade, mais do que um conceito cronológico, o é funcional. Nesse sentido, entre um Hindenburgo e um Victor Hugo, havia uma enorme diferença. O poeta francês sentia-se mal quando mencionavam sua idade, sobretudo quando em presença de mulheres formosas. E dizia: - "Não mostro ainda os sinais indiscutíveis da velhice".

O homem começa a viver, uma vez alcançada sua plenitude o equilibrio físico-psíquico, quando conhece suas reações, a alimentação, os cuidados, distrações e descansos apropriados para o seu organismo. Quando se sabe como se deve viver, começa-se a viver. A inquietação é própria da juventude, para a formação de sua experiência. A aprendizagem individual é indispensável e, frequentemente, muito difícil. Aquela experiência é pessoal; a dos maiores é, tão só, relativamente útil.

#### DURAÇÃO DA VIDA

As revelações sôbre a duração da vida, entre os gregos antigos, são impressionantes. A arqueóloga Bessie E. Richardson, autora de "A Velhice Entre os Gregos Antigos", revisando e decifrando dois mil epitáfios, chegou à conclusão de que a duração média da vida era de vinte e nove anos. Na Idade Média, vivia-se menos, ainda uns vinte anos. Há um século, a maioria da população não atingia os trinta anos. As estatísticas da Metropolitan Life Insurance Com-



MAUROIS



## EXAMES DE SANGUE HÁ 700 ANOS

O homem de ciência chinês doutor Fumhata declarou recentemente que de certos documentos que
acabava de descobrir se verificava
não serem os exames de sangue,
como geralmente se acredita, um
processo moderno. Por um livro
escrito em 1247 e intitulado "Eselarecimentos de falsas acusações"
se prova que já naquela época se
praticavam tais exames na China.

Segundo o mesmo sábio, também os árabes recorriam ao método em questão nos casos de investigações de paternidade. pany demonstram o rápido acesso à longevidade, em nossa época. Em 1904, a média, era de 48,2 anos; em 1915, de 53 anos; em 1934, de 60 anos. Na atualidade, deve ser de 65 anos. Os peritos da citada companhia esperam que, para 1980, a média será de 70 anos, ou, provavelmente, maior. As mesmas cifras resultam dos progressos da higiene e do "standard" de vida, e explica o que um autor já pressagia num livro: "A Vida Começa aos Cinquenta".

#### SOMOS MAIS JOVENS, HOJE

Um homem de quarenta anos, hoje, parece mais jovem do que um de vinte do comêço do século. Para comprová-lo, basta comparar uma fotografia de um e de outro tempo. E se se tem a idade que se aparenta, deduziremos que as pessoas, hoje, em dia, são mais jovens do que as de outrora. Ontem, julgava-se um moço de vinte anos, um homem feito e, um homem de quarenta, era considerado velho. A idéia da juventude muda com o tempo.

O efeito das idéias sôbre o ânimo é grande, seja no sentido otimista ou pessimista. Julgar-se um velho, já é sê-lo, e induz a agir como tal. O preconceito da idade influi perniciosamente sôbre o corpo, enfraquece suas funções. Antes da guerra, descartavam-se dos quarentões, na fábricas e oficinas. Eram tidos como ineficientes. As

#### De MANUEL PALCOS



necessidades da guerra fizeram voltar ao trabalho centenas de milhares de aposentados ou afastados das empreitadas, e a guerra requer o máximo de habilidade. O bom desempenho das pessoas de idade



LINCOLN



foi oficialmente reconhecido. Homens de sessenta, setenta a no s, antes desprezados, agora são de grande utilidade.

#### VENCEM NO AMOR

Até no amor os maduros é que logram as vantagens. E não só durante a guerra, como o descreveu Raynall na sua obra: "Le tombeau sous l'arc du triomphe", onde expõe o drama dos jovens soldados substituídos no coração feminino, pelos mais idosos, como consequência do irresistível impulso da vida. A afeição nutre-se com a presença. E, nos combates de amor, a experiência e a maturidade arrebatam a vitória aos mocos. E isto é verdadeiro para homens e mulheres. As grandes paixões são inspiradas por pessoas bem adultas. Já se disse que Balzac escreveria hoje: "A Mulher de Quarenta Anos"

#### É A IDADE FELIZ

Chegamos à maturidade, habitualmente, os homens podem realizar suas vocações, além de outras coisas, em função de maior estabilização econômica. A juventude, hoje como nunca, é contida pela terrível luta pela existência. Para Bernard Shaw, realizar a vocação é a condição básica da felicidade. Até à quarentena, mais ou menos, alcançaram sua plenitude. Pasteur, Koch, Roux, Ehr-

lich, Metchnikoff, Lincoln, Baldwin, Maurois, Blum, Roosevelt, Churchill, Stalin, Millikan, Pearl Buck, Pavlov, Freud, B. Shaw, C. Flammarion. Os quatro últimos, se bem que octogenários, trabalhavam entusiasticamente, Disraeli Gladstone governaram com aprovação geral, em idade avançada. Guilherme II, jovem, destruiu obra de Bismarck. Beveridge, octogenário, formula uma profunda transformação na Inglaterra. A última batalha foi ganha por homens sazonados: Lloyd George, Clemenceau, Joffre, Foch, Wavell deram exemplo à jovem oficialidade russa. Seus dirigentes militam entre os quarenta, ou mais.

#### A VELHICE NÃO TEM TEMPO

Kerilys acusava a gerontocracia como fator principal da derrota da França. Na verdade, seus executantes não tinham idade. Eram tipos de tôda idade. Não foi a biologia, mas uma crise social, a causa da queda da França. A velhice não tem tempo. Os fósseis de vinte anos abundavam. A volta ao impossível passado operava-se em milhões de jovens, dirigidos por velhos e jovens.

Alguns observadores acreditam que os sêres vivem oito vêzes mais o período existencial em si do que o esqueleto logra seu desenvolvimento completo produzido no homem por volta dos vinte e cinco anos. Em consequência, sua existência deveria prolongar-se até os duzentos anos. Outros cálculos prevêm uma duração de cento e vinte a cento e trinta anos. O homem abrevia suas horas. A ciência lhe aumentará os dias. No futuro, dir-se-á: "A vida começa aos cem anos". Porém, tal existência, será uma larga, profícua e madura juventude. A questão não é meramente subsistir, porém, viver: inteira e inteligentemente.



ROOSEVELT



## SOMENTE UM DECIMO DE SEGUNDO

Geralmente as pessoas muito pontuais costumam perguntar se existe no mundo um relógio, cujo mecanismo infalível não adiante nem atraze nunca. Existe um que não sofre qualquer alteração e cujo fabrico foi devido a um grande esfôrço. Seu complicado mecanismo exigiu largos meses de estudos e. uma vez construído, foi submetido a experiências que duraram cinco anos, no Observatório de Greenwich, recebeu o nome de "mais exato do mundo". É justo esse nome pois que, durante cinco anos, somente acusou o atrazo de um décimo de segundo com relação à hora astronômica.

# A "bomba-morcego" e o "ôlho infra-vermelho"

As experiências que vinham sendo feitas com o radar deram resultados interessantes. A "bombamorcego", por exemplo, provaexuberantemente.

Este engenho, utilizado na última fase da guerra do Pacífico, e que sòmente agora foi levantada a proibição de se revelar seu segrêdo, até aquí guardado, por motivo de segurança, acompanhava infatigavelmente belonaves e navios inimigos, pondo a pique muitos deles por mais que se esforçassem em fugir à perseguição.

Seu nome deriva do morcego, o animal que tão bem conhecemos. Há no Brasil cêrca de 100 espécies, as maiores das quais medem 15 cms. de corpo e 70 cms. de envergadura. O "Vampyrus spectram" um deles. É um animal de hábitos noturnos. No entanto, ao contrário da regra geral neste caso, seus olhos são pequenos. É notável a destreza com que os morcegos voando rapidamente no escuro, evitam todos os obstáculos. e mais do que isso, apanham os insetos voando na mais completa escuridão. Ultimamente experiencias interessantes foram feitas, a fim de verificar qual o sentido direcional do vôo desses animais. Com os olhos vendados por esparadrapo, ainda assim os morcegos, soltos num quarto chejo de obstáculos dependurados, esvoacavam ràpidamente, sem tocar nos fios distendidos e nas ramagens. rificou-se que o morcego possui numerosos pêlos implantados sôbre terminações nervosas, que lhes dão a perceber a aproximação dos obstáculos. Como é que funciona êsse mecanismo? O dr. Hamilton Hartridge, renovando essas experiencias com "Megachiropteros", espécie que ocorre nas regiões tropicais da Europa e que medem 1 metro e 50 cms. de envergadura, chegou a conclusões verdadeira-mente inesperadas. O, morcego emite ondas sonoras que são refleDe R. ARGENTIÈRE

tidas. Esse seu sentido acústico se parece muito com o radar inventado pelo homem. De fato, o radar opera por meio de emissão de on das electromagnéticas que são refletidas pelos objetos que encontram, isto é, ao tocarem um obstáculo voltam ao ponto de partida. As ondas sonoras emitidas pelo morcego são, às vezes, tão diminutas que não se tornam perceptiveis ao ouvido humano. Por isso, são denominadas ultra-sons. Mas, isto não constitui seu único equipamento. Os morcegos produzem quatro espécies diferentes de ondas sonoras. Essas ondas são classificadas da seguinte maneira: um zumbido que não é ouvido pelo observador a não ser de muito perto; um ruído de sinalização de cêrca de 7.000 vibrações com a duração de um quarto de segundo: um ruído super - sonoro que raras vezes chega a menos de 30.000 vibrações por segundo. e geralmente, é de 40 a 50.000 vibracões por segundo: um ruído rápido, que póde ser ouvido em qualquer ponto, nos limites de um aposento fechado. Como se sabe, os sons são originados por ondas elásticas, compreendidas entre 16 e 20.000 vibrações por segundo. O ouvido humano já não percebe ondas elásticas de maior ou menor frequência de vibração. De fato, a teoria da difração demonstra que os sons emitidos por uma placa circular vibratória formam um cone cujo vértice é tanto mais estreito quanto maior seja a frequência de vibração. Conforme isto, os ultra-sons, por serem dotados de grande frequência, produzem um cone pouco divergente em comparação com o dos raios

luminosos que, quando refletidos em uma dada direção, concentram a maior parte da energia emergente. As ondas sonoras de baixa frequência propagam-se em tôdas as direções ao redor do ponto de emissão e não podem ser concentradas do ponto. A propriedade dos ultra-sons de poder acumular sua energia em uma só direção faz aumentar sua penetração no meio.

O morcego ainda emite uma onda de localização numa única vibração, que dura cêrca de um centésimo de segundo. O ruído de sinalização, de cêrca de 7.000 vibrações por segundo, é refletido por todos os objetos, mas não é empregado como a onda super--sonora de localização para dar informações sôbre os obstáculos que devem se revitados. Sua fúnção é informar outros morcegos da presença de insetos. A comparação entre a emissão de ondas super-sonoras, emitidas pelo morcego e das emissões de ondas curtas electro-magnéticas do radar póde ser feita da seguinte maneira. A frequência mais eficiente das on das super-sonoras do morcego é de 50.000 ciclos. A frequência mais eficiente das ondas electro-magnéticas do radar é de 30 bilhões de ciclos. O comprimento da onda super-sonora é de 0,7 centímetros e da onda electro-magnética de um centimetro. A vibração dura um milionésimo de segundo.

A bomba "morcego" que tão bem imita o animal que lhe deu o nome, tem 4 metros de comprimento e com uma extensão de asa de 3 metros. É equipada com um aparelho de radar pesando 200 libras, em seu nariz, através do qual transmite e recebe sinais do alvo. Comporta, além disso, meia tonelada de explosivo e tem uma velocidade igual a de um avião de alcance bem avançado. O "morcego" guía-se por meio de pulsa-

[Conclui na última página]

# Benjamin Constant, fundador da República

direito de cultuar, num "saudosismo" legitimo, os homens que a viveram nas idéias, antes que a tivessem construído com o ardor de suas convicções.

Benjamin Constant Botelho de Magalhães, espírito de sistema, de há muito está a carecer de um Carlyle indigena, que venha inte-grá-lo, em definitivo, na categoria dos nossos "heróis".

Pela psiqué a atos decorrentes, sua memória merece o tributo do titulo, que já começamos a defe-ri-lo, na consagração unânime do respeito público à sua figura, e no aprêço carinhoso e ininterrupto daqueles que o seguiram e assistiram, na jornada majestosa, que terminou com a fundação da

Kenophonte, encontrando Sócrates, em uma das ruas de Atenas - narra seu biógrafo Laércio perguntou-lhe onde se vendiam viveres. O filósofo respondeu e a meguir inquiriu-lhe: "Onde os homens se tornam yirtuosos?" — E, como Xenophonte não respondes-se, disse-lhe: — "Segue-me e sa-

Caminhemos, pois, na estrada biográfica de Benjamin Constant, que um de seus destacados discipulos, o sr. Lauro Sodré, cognominou - o tipo perfeito do grande homem — e apresentemo-nos a divisar a "virtude", supremo apamágio de sua existência.

#### PRIMEIRA INFÂNCIA

Filho de Leopoldo Henrique Botelho de Magalhães e Bernardina Joaquina da Silva Guimarães, Benjamin Constant nasceu em Niterói, aos 18 de outubro de 1836. O pai, inflamado republicano, deu ao filho o nome de Benjamin Constant, em homenagem ao célebre publicista do constitucionalismo francês. Nesse ambiente rewebeu do progenitor os primeiros ensinamentos e logo que a idade o facultou, Benjamin começou a auxiliar o autor dos seus dias, lecionando os colegas mais atrasados, fato que concorreu para despertar a vocação que mais tarde manifestou: o magistério.

Nas vésperas de completar 13 anos perdeu e pai, restando na indigência, com a progenitora e quatro irmãos. O golpe profundo fê-lo desanimar, e Benjamin, vende a mãe acometida de uma crise cerebral, jogou-se num ribeirão de que foi salvo por uma escrava. Abrandando, resolveu estudar. Sem recursos, procurou, a instâncias da genitora, um dos amigos do pai, que mais oferecimentos fazia à familla. Este, depois de ouvi-lo, perguntou: - "Quer ser servente de pedreiro?" Benjamin deu-lhe as costas e retirou-se.

Por intermédio do conselheiro Andrade Pinto, obteve admissão nas aulas mantidas pelos frades beneditinos, de modo que pôde terminar os preparatórios. Lamar-

SOLDADO E O CIDADÃO tine escreveu: "O destino da poesia é consolar os sofredores". fredor, Benjamim violentou a natureza positiva de que era dotado

e escreyeu, sob a inspiração da saudade, os versos a seguir, que, por si mesmo, evidenciam o poeta. Primavera da vida, ó quanto és

Mimosas flores com que a fronte [adornas, Como logo murchadas vão caindo. Sob a rija mão da estiva quadra.

Na minha idade inocente, Na tenra idade da infancia, Dos anjos tinha a candura, Das flores tinha a fragrancia. Tinha pai... era feliz ... Num doce, ameno retiro, Brincava alegre nos prados: Eram inocentes meus brincos Meus sonhos eram dourados. Não pensava... era feliz. Naquelas belas campinas, Matizadas de mil côres. Onde a vaidosa abelhinha Vagava, beijando flores, Como eu contente brincaval

Nesse tempo me era a vida Tôda bordada de flores, Só conhecia venturas, Não provara dissabores, Tinha pai... era feliz.

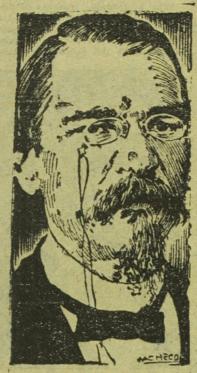
Mas hoje sou triste órfão, Só conheço luto e dores, Perdi meu pai, perdi tudo, Murcharam todas as flores.

#### A MATRICULA NA ESCOLA MILITAR

Aos 15 anos, matriculou-se na Escola Militar. Premido pela necessidade houve de fazê-lo a titu-lo de "voluntário", poste que os alunos que seguiam esta carreira percebiam os vencimentos de 2.º sargento, no 1. ano, e os de 1.º nos subsequentes. Benjamin, a despeito de não manifestar qualquer inclinação pela farda, verificou pra-ça no 1.º regimento de cavalaria, em 1.º de abril de 1852, no intento de ajudar a família e obter recursos para estudar. Seu curso foi em extremo desluzido. No 1.º ano, reprovação, no 2.º, repetição por faltas. Explicador particular, o tempo lhe era escasso para comparecer às aulas. Conheceu nesta época, Pereira Passos, e solicitou dêsse colega do 4.º ano, que lhe expusesse as matérias do 3.º, pois não dispunha de tempo para o trato com os compêndios. O resultado foi ótimo e Benjamin obteve aprovação plena, no 3.º ano, concluindo o curso em 1859.

Durante o periodo de estudante, verificou-se um fato digno de menção na carreira de Benjamin Constant. Dera-se um roubo na Escola, recaindo sob os ombros dos alunos suspeitas injustas. O comando mandou narrar o fato em ordem do dia, ante os alunos formados. Mal começou o ajudante De UBALDO SOARES

a leitura e Benjamin salu de forma, arrebatou a ordem, atirou-a ao chão, e pisou-a, dizendo: "Esta ordem do dia constitui um insulto à dignidade dos alunos". Preso, foi recolhido à fortaleza de Santa



Cruz, mas teve a segui-lo condiscípulos e mestres. As familias dos colegas enviaram-lhe flores.

#### OFICIAL DO EXERCITO E PROFESSOR

Em dezembro de 1860 ascendeu ao oficialato, tomando ao mesmo tempo o grau de bacharel em ciênclas físicas e matemáticas. Brioso digno, um de seus primeiros cuidados foi o fardar-se e procurar o cidadão que lhe havia oferecido o lugar de servente de pedreiro, regozijando-se por não tê-lo aceito.

Lutou com rara tenacidade para alcançar o posto de professor, inscrevendo-se em vários concursos. Nada menos de sete vêzes obteve o primeiro lugar, mas só em duas obteve nomeação. No de 1862, para a cadeira de matemática na Escola Normal de Niterói, alcançou do examinador, dr. Augusto Dias Carneiro, a expressiva classificação: "Em 1.º lugar, o bacharel Benjamin Constant; em 2.º, ninguém; em 3.º, ninguém, em seguida, o outro candidato". Não obstante essa original e honrosa prova, foi nomeado o competidor.

Professor de matemática no Instituto dos Cegos desde 1861, apaixonou-se pela filha do diretor. D. Maria Joaquina da Costa, consorciando-se em 16 de abril de 1863. A espôsa tornou-se o centro de sua vida, sua única religião, sua única ventura, êle próprio o confessou, em demonstrações de enternecimento. Entrementes, surge

AMOR E CONSÓRCIO

a campanha do Paraguai. A espôsa tem 18 anos e dois filhos. Sabendo da designação para que Benjamin Constant seguisse, obteve do im-perador a dispensa.

Capitão do Estado-Maior, Benjamin perdoou os arroubos senti-mentais da mulher e disse: "Tenho, agora, mais um motivo para seguir. Não quero que pensem que me valho das tuas lágrimas para excusar-me de um sagrado dever". Imediatamente dirigiu-se ao imperador e obteve a revogação da ordem que fôra dada para que per-

### A CAMPANHA DO PARAGUAI

Partiu para a guerra, tendo o coração em pedaços. Sua deliberação determinou o reaparecimento, na progenitora, de grave perturbação mental, de modo que Benjamin teve que interná-la no

Certa ocasião, durante a campanha, um valentão, oficial de cavalaria, ofendeu Benjamin, que ato continuo repellu. O coronel retor-quiu: — "Que visse bem a distancia entre os galões de um coronel e os de simples capitão".

- Desgraçada classe - respondeu Benjamin - em que seus membros se distinguem pelo número malhas, como os cavalos.

O coronel, que estava montado, desembainha a espada e avança para Benjamin, que puxa do revólver e diz, resoluto:

- Se avança mais um passo, parto-lhe os miolos.
O coronel reflete, embalnha a

espada, dirige-se a Benjamin, em tom amistoso, oferecendo - lhe a

- A ofensa esqueço, mas nunca seremos amigos:

#### A FRENTE DO INSTITUTO DOS CEGOS

Perecendo, em 1369, o diretor do Instituto dos Cegos, dr. Cláudio Luis da Costa, Benjamin foi indicado para substitui-lo, já pelos relevantes serviços prestados na guerra, já pela alta capacidade que patenteara como professor. Durante 20 anos, de 1869 a 1889, dedicou-se a êsse estabelecimento e se tornou verdadeiro pai dos cegos, diz o sr. Ivan Lins em a magnifica biografia de Benjamin, de que muitas vêzes aqui nos utilizamos.

Após 15 de novembro de 1889, e aluno Silva Lima assim se despediu de Benjamin, em nome do Instituto, quando o direitor houve de deixá-lo para assumir suas funções no Govêrno Provisório.

"Dois sentimentos inteiramente opostos invadem nossos corações: júbilo e tristeza. Tristeza, porque agora, reclamando a pátria vossos assinalados serviços, priva-nos de vós, que fostes a estrêla erguida na escuridão da eterna noite em que vivemos mergulhados. Imenso júbilo, porque, sem lágrimas e sem sangue, conta já a nossa pátría um 87, realizando o sonho dos mártires da conjuração mineira". FILIAÇÃO AO POSITIVISMO

Ainda que desde 20 anos conhecesse a doutrina de Augusto Comte, somente em novembro de 1873, quando concorreu ao cargo de repetidor do curso superior de Escola Militar, declarou de público sua adesão ao positivismo. Antes, porém, com a lealdade que o caracterizava em todos os seus atos, consultou a mesa se a orientação doutrinária a que se filiara, e pela qual pautaria suas lições, não constituía impedimento ao lugar a que propunha.

Assim foi Benjamin Constant, tipo do homem de princípios, ante os quais não transigia, quaisquer que fôssem os motivos e as ocacia com o imperador, principalmente no momento que se lhe deparou propicio para assinalar as injustiças de que foi vitima, fazendo-o, porém, sem lamúrias, que as não teve jamais, proyando sempre possuir um caráter altivo.

#### ABOLICIONISTA

Abolicionista de longa data, libertou Benjamin os escravos que, por herança, recebera sua mulher. Coube-lhe, na dura refrega da emancipação, um papel saliente, pois foi êle quem sugeriu a Deodoro pedindo-lhe declarasse publicamente ter o Clube Militar adotado como divisa a abolição.

#### REPUBLICANO

A transição do abolicionismo à República tornou-se inevitável e não se podia conceber em separado êsses dois títulos, que se integravam nos homens da estirpe moral de Benjamin Constant. A República êle a criou, se não mais do que outrem, pelo menos com maior firmeza de convicções.

Fê-la no cérebro, antes de passar aos atos, tendo em consequên-cia delineado um programa "a priorl", altamente significativo e tradutor de sua mentalidade, pois não desejava vê-la, quer sob a tutela militar, quer sob a anarquia civil. Espírito de equilibrio, tendo sempre em mira os princípios e não os indivíduos, considerou que a dignidade suprema da República, cuja presidência recusou, seria a do máximo respeito à família imperial.

Homem parco de palavras e exuberante de atitudes, atendo aos fenômenos, em consequência do credo filosófico que adotou, é possivel que Benjamin tivesse aceito o Império, se êste não caira, nos últimos anos, no domínio da in-disciplina militar. "Soldado por necessidade e professor pela necessidade de deixar de ser soldado" (coronel Luís Lôbo), Benjamin realizou o "exemplo do homem público, viveu para seus deveres e para o sacrificio da missão a que se impôs" (general Pantaleão Pessoa). Assim, desde o tempo da Escola Militar, atacou o princípio da monarquia de direito divino e os fatos contribuiram a que cristalizassem em sua consciência o dever de ajudar e animar a queda do trono, sem outra preocupação que não fôsse o regime da ordem.

Falhas por certo as teve, e, se não as tivera, seria um santo; não se lhe deparou, entretanto, no decorrer de uma existência que enobrece a espécie, deslises de caráter que o induzissem à prática de ações mesquinhas.

Quando o Congresso Nacional elegeu o primeiro presidente da República do Brasil, foi aprovada unanimemente, antes do escrutínio. a seguinte moção: "O fundador da República Brasileira, Benjamin Constant, passou da vida objetiva para a imortalidade, em 22 de janeiro de 1891",

## O féreiro da árvore

Ao penetrar no seio da floresta, Dei com um cadáver sôbre o chão deitado... Irrompe a luz dos ramos pela fresta E vem acariciá-lo inanimado...

É certo anoso tronco, que o machado Do lenhador tombou. Fazem-lhe festa Borboletas que vêm brincar-lhe ao lado..., É a última carícia que lhe resta!

Mais um momento, e está desfeito em achas, E na fornalha ardendo em louras fachas. Para aquecer aquele que o maltrata...

Chegam quatro operários e, tomando O cadáver ao ombro, o vão levando Sob o gemido unissono da mata...

LINDOLFO GOMES.

### 0 mar

A ter de dia o sol em chamas sôbre o peito com que o céu lhe toriura a carne e sem um grito de rebelião, o mar semelha-se a um precito que, à custa de sofrer, se torna à dor afeito.

Mas quando a noite cai, deitado no álveo estreito e sem poder sonhar no horror da treva aflito, o mar se atira contra as rochas de granito procurando alargar a angústia do seu leito.

E ao ver por cima o céu tão rutilo e tão claro, de indigência mendiga um só punhado de ouro, como o escravo estendido aos pés do seu tirano.

Então para o calar, de tédio o céu que é avaro, deixa apenas cair, abarcando um tesouro, uns farrapos de luz sôbre a nudez do oceano...

LINDOLFO ESTEVES.

Duas pessoas a quem eu não conhecia entraram no restaurante e ocupa-

ram a mesa próxima á minha. Ela era a "coquetterie" personificada. Com extremada elegancia, exquisita, abriu o abrigo de peles, tirou as luvas, prendendo entre os alvissimos dentes a ponta de cada dedo, passou a esponja de pó pelo nariz, mirou-se no espelhinho de bolsa e fez uma caretinha para o cavalheiro que a olhava enlevado.

O homem indagou, com aveludada voz de baritono:

- Muito bem, meu pedacinho de céu, que vamos comer?

- O seu pedacinho de céu não tem préferências. Comeremos o que quiser. Você

- E que vamos beber?

- Também me é indiferente. O que você quiser.

- Está bem, princesa.
O gala fitou o "maitre d'hotel", que esperava as ordens, e lhe disse: - Ponha no gelo uma garrafa de

Brut americano. A dama deixou de fitar o espelho encarou o homem, com uma expressão de assombro no rosto.

- Brut? E' uma boa marca. Eu gosto

Você é um grande egoista. Então, porque lhe agrada essa porcaria, vai obrigar-me a bebê-la?

O gală sorriu-lhe carinhosamente . cariciou-lhe a mão:

- Garanto-lhe, princesa, que é um vinho exquisito.

- Sim, exquisitissimo.

Já o bebeu alguma vez? - Nunca o bebi e não quero be-

be-lo! - Que encantadora lógica!...

Muito bem, que vinho iá bebeu?

— Já bebi... já bebi... Monopole seco. E' o único que se pode

- Felizmente já conseguimos saber a sua marca preferida, boneca...
"Maitre", já sabe: Monopole seco!

- As suas ordens, senhor. E para

- Margarida Nicéa, resolva você mesma esse problema.

Margarida Nicea mirou e remirou, fazendo encantadoras caretinhas, a carta e devolveu-2 ao cavalheiro, sacudindo os ombros:

- Não sei... não sei... Escolha você, que para mim é o mesmo.

— Não, não! Trata-se de um as-sunto serio! — replicou sorrindo o homem. Vamos ver... Que peixe prefere?

- Nenhum. - Gosta de carne?

- Conforme.

- Um filé "mignon" ... - Psch! ..

- Uma costeleta de carneiro à Stendhal

- Psch!.

- Uma silveira. - Prefiro "raviolli"!

- Mas isso não é carne. Não vai comer carne?

- Não seja prosaico... Peça o que quiser, pois já lhe disse que para mim é indiferente.

- Quem sabe "risotto" com caran-

Rucijos? ... "Risotto" é um prato feito com

- Sim, princesa, o próprio nome está dizendo ...

- Deteste o arroz!

Talvez a senhora preferisse nma perdiz assada - aconselhou respeitosamente o "maitre d'hotel"

Não, não! Repugna-me a perdiz. O "maitre d'hotel" dirigiu ao gala um olhar de desespero. O homem, muito ao contrário, olho u para o "maitre" e para mim como dizendo:

"Oue encaritadora criatura! Que bo-

nequinha caprichosa!" Também a perdiz fracassou!

exclamou êle em voz alta. E, inclinando-se solicito para a dama:

- Vamos, princesa. que quer comer?

- Se houvesse salmão...

- Muito bem! E o segundo prato? - Não se ja prosaico! Qualquer coisa! O que você comer.

- Não gosto disso. Que pediu

De ARKAY AVERCHENKO

- Frango com arroz.

- Deixe vêr si tem boa cara... Não é mau... Tome o meu ragú e de-me o seu frango com arroz, se não The desagrada ...

Ela era "coquette" até a medula dos ossos. Com extremada coqueteria abriu o abrigo de peles, levantou o véu do chapéu, esfregou as mãos e dirigiu-me um rapido olhar ao desdobrar o guardanapo.

- Que vinho prefere?

- Muito bem. Garçon ... uma

lembraria disso?

Ele perguntou-lhe:

- É-me indiferente. Você escolherá.

garrafa de "Cordon rouge".

— "Cordon Rouge?" — exclamou

ela, fazendo uma carinha de menina enjoada. Que vinho!... Quem se



- Eu comerci frango com arroz.

- Oue lindo! Iá lhe disse que detesto o arroz e você teima em fazer-me comê-lo. Quer fazer o favor de me dar o "menu"? ... Escolherei qualquer coisa, para acabar com isso. Garçon, para mim, depois do salmão, ragú á polonesa!

- Muito bem, minha senhora.

- Com salsa holandesa, ouviu? O "maitre" reprimiu um gesto de

assombro e respondeu: - Muito bem, minha senhora.

Minutos depois servia ao jovem casal o salmão e abria a garrafa de Monopole sêco.

- Traga-nos caviar - pediu o gala.

O amavel cavalheiro tocava a cada momento a mão da companheira, como para se convencer de que ela era realmente humana.

Quando lhe serviram e ragú á polonesa, Margarida Nicéa fez uma ca-reta de desagrado e disse ao seu admi-

Como se alguma coisa pudesse desagradar áquele homem! Fez a troca com o rosto transfigurado de generesa alegria.

E' verdade que, 20 começar 2 comer o ragu, uma nuvem sombria obscureceu-lhe os olhos, mas o sorriso bem depressa lhe voltou aos lábios. Afinal de contas, a comida parecia interessar-lhe muito pouco. Seus olhos quase não se afastavam, absortos, encantados, da sedutora mulherzinha. De quando em quando êle me olhava, como se me dissesse: "Não é adoravel esta criaturinha, com os seus caprichos e fantasias?".

三百

Duas pessoas, que não me eram completamente desconhecidas, entraram e ocuparam a mesa imediata á minha.

Eram êle e cla.

tinha ceado junto a mim num outro restaurante. Lembro-me até o nome da mulher: Margarida Nicéa.

O cavalheiro fez um gesto de de-

- Não lhe era indiferente, Mar-garida? Em que ficamos?

- Peço-lhe que não levante a voz. Não estou levantando a voz. Limito-me a fazer-lhe vêr que é ab-surdo o dizer que lhe é indiferente para logo depois observar: "Que vi-nha!". Não lhe perguntei qual a sua

marca preferida? - Pois bem ... "Chaperou rouge". - Magnifico! E que queres comer?

Margarida Nicéa mirou e remirou, muito dengosa, a lista dos pratos e estendeu-2 20 garçon:

- Escolha o senhor.

- Não me atrevo. Não tenho a honra de conhecer o gosto de madame. - Escolhe tu, Carlos.

O cavalheiro dirigiu & dama um elhar bem pouco terno.

Naquele instante reconhect o casalt era o mesmo que, alguns meses antes,

Encarando e garçon, ordenou:

- Traga-me o que lhe agradar, o que lhe parecer melhor ... Para mim tanto faz uma coisa como outra qual-

quer. - Não! - exclamou fora de si • cavalheiro, dando uma palmada na mesa. Conheço muito bem esse último recurso. Vão trazer-lhe alguma coisa de que, na certa, não gostará e que será passada a mim, comendo você o que eu tiver escolhido. Não e não! Peço-lhe, senhora, que especifique, que

- Muito bem, - respondeu - es-

E, depois de consultar a lista, ordenou:
- Traga-nos, primeiro uma

mayonnaise"...

— Não, não! — protestou ela com veemência. Qualquer corista de teatro

- Não lhe era indiferente? Você

não mandou que eu escolhesse? Ve-

jamos, de uma vez por tôdas, o que

lhe agrada... Na voz do homem percebiam-se,

embora éle procurasse falar serena-

- Um qualquer prato de peixe, e não me fale neste tom!

Bom ... Garçon, para madame,

— Isso, não! Garoupa!... O cavalheiro atirou á dama um

- Você me disse duas vezes que

escolhesse, e em ambas as vezes não

lhe agradou o prato que indiquei.

- Que por muito paciente que se seja... Se você levasse dois dias sera

comer, não demoraria tanto a decidir-

-se... E' precisa que renuncies de

uma vez por todas a esse papel ridiculo

nesse tom, esta é a última vez que

que escolha e você começa a fazer den-

gues, a dizer: "Que horrível", como

se lhe impusessem a obrigação de se

preocupar com uma coisa que não lie interessa... Se lhe é indiferente, por que recusa os pratos que eu escolho?... Escolha você e liquidamos logo.

- Como você é amavel, fino, galante! Parece um quitandeiro! Há cinco meses era todo delicadezas...

- Há cinco meses, querida... - Que tem? Acaba...

- Mas, mulher, por todos os san-

- Não accito lições! O senhor es

A dama falava num tom cheio de

altivez, como uma rainha ofendida.

ta-me falando, cavalheiro, como fala-

ria um entregador de encomendas!

tos! O garçon está esperando. Não

se deve abusar da paciencia dos outros

e muito menos quando se trata?

guem que não nos pode desi

violentamente.

Virgem, como você mudeu!.

- Se você continúa falando-me

- Mas, filha, é natural que eu lhe fale nesse tom. Dou-lhe a carta para

de menina mimada e caprichosa.

Você deve compreender ...

olhar furioso e estendeu-lhe a lista.

- Em que tom, mulher? ... Que

- Qualquer um! Não sejas pro-

mente, vibrações de aborrecimento.

Colherci.

"mayonnaise"

come "mayonnaise"

garoupa á francesa.

- O oue?

nos vemos

fale claro - Adeus! - falou friamente Margarida Nicéa, levantando-se. Não estou disposta a jantar com um carvoeiro.

E dirigiu-se para a porta. - Mas, mulher . . .

Ela não fez caso.

O cavalheiro, então, levantou-se de correu atras da bela.

- Imbecil! - murmurei eu. in-

# ferrivel

Caia a tarde. O galope do cavalo de Isidoro fazia um ruido sememante ao rufo de um tambor. De quando em quando, o eavaleiro, voltava a cabeça para ver se os seus perseguidores tinham desistido de o alcançar.

- Só se forem bruxos é que me agarrarão! exclamou, mostrando os cientes num sorriso de satisfação, que lhe enrugou a pele curtida pelo sol e os ventos das planicies.

Tinha-se "desgraçado" o infeliz Isidoro, matando um dêsses homens que se empenham em amargurar a existência, sempre dolorosa, dos pobres de espírito.

Isidoro era um mísero empregado da estância, que não se metia com quem quer que fôsse. Trabalhava de sol a sol, calado, resignado com a sua sorte de pária,

para quem não existem direitos, mas que vive cheio de deveres.

Na venda do povoado próximo, era o joguete de todos quantos já haviam emboreado alguns tracos. Um dos que mais o metiam a riso. era o caôlho Ciriaco, um negro avantajado, de quem se dizia que havia estado no presidio de Ushuaia. Mal via Isidoro, começava a zombar déle e a dar-lhe apódos e quando isso não era bastante para se satisfazer, puxava do fação e perseguia o infeliz, meio morto de mêdo. Quando o alcançava, obrigava-o a ajoelhar e a pedir perdão.

- Perdão, Sr. Ciriaco! Não me mate, por minha mamã.

- Ah! ah! ah! Não te mato, não, ovelhinha do Senhor. Quis pregar-te um susto, nada mais! Puxa! que és um covardão de marca!

Conto de LOPES MOLINA



Para que tens tanto medo à morte, se um dia hás de morrer?

Isidoro tremia, com os olhos di-Istados pelo terror. Sabia que Ciríaco era um bárbaro que, com a mesma facilidade com que improvisava décimas e as cantava, acompanhando-se à guitarra, era capaz de furar a pele a qualquer. Por isso, de todos os que mofavam dêle, era aquele a quem mais temia. Os outros, contentavam-se em pôr-lhe querosene na caninha, ou em assustá-lo de noite, quando voltava para a estância, aos sábados, aparecendo-lhe envôlto num

lençol, com uma foice na mão, como se fôssem o símbolo vivo da morte.

Naquela noite, na venda de dom Genaro, Ciriaco, muito bebedo, quis fazer rir os outros, obrigando o pobre Isidoro a tremer de médo.

Fique sossegado, Sr. Ciriaco! Per que me há de fazer isso? Que lhe fiz eu, para que queira divertir-se à minha custa?

O desventurado quase chorava, mas isso, em vez de acalmar a perversidade do malvado, mais excitava: ria, com um riso brutal de homem em quem o coração nunca teve um movimento de ternura. Jamais havia estimado alguém. Era exposto, um filho de ninguém, que tinha vivido quase sempre como vagabundo, tantas e tão variadas vêzes se vira obrigado a deixar os empregos, os mais

diversos. No fundo era covarde e se estivera prêso na Ushuaia, é porque havia assassinado um homem à traição, porque lhe negara dinheiro para beber.

Agora judiava com Isidoro, como um gato com um rato. Divertia-o imenso, aquele tre mor de medo do pobre peão. Depois de e fazer bailar no meio da venda, na frente de risonhos bebedores, correu-o dando-lhe pancadas com o fação e quando Isidoro, cansado de suportar os vexames, parou subitamente e lhe disse que não continuasse a bater-lhe, o selvagem, pelo gôsto de ver correr sangue, deu-lhe um corte na mão • espetou-o no ventre.

O que se seguiu foi uma cena que encheu todos de espanto.

Viu-se Isidoro deitar a mão à [Conclui na sexta página]

ONFIO na sagacidade de que tão exuberantes provas tem dado, senhor Bricio Araújo.

- Bondade sua ... - Repito, conquanto exista entre mim e minha mulher uma sensível diferença de idades, nunca me passaria pela cabeça uma tal baixeza; mas o testemunho dessas cartas é indiscutível.

- Efetivamente, senhor Linha-res, estas cartas de amor comprometem sua espôsa de um modo

 Foi por isso que pus de parte
 tôda a sentimentalidade e vim pedir-lhe para averiguar quem é •

- Para começar as minhas investigações, desejo ir à sua casa. - Quando quiser.

Posso fazê-lo sem ser visto por sua espôsa, nem incomodado

pela curiosidade dos criados?

— Agora, se quiser. Minha mulher, depois da cena desta manhã, declarou-me que ia passar o dia com minha sogra e que só viria depois de jantar. Quanto aos criados de quarto posso afastá-los por uma ou duas horas.

— Perfeitamente. São duas ho-

ras... dentro de vinte e cinco minutos irel visitá-lo.

- Até já, sr. Brício.

- Sr. Linhares.

deu agora nos aposentos de minha mulher

- Engana-se, não perdi o meu tempo, retorquiu o detetive com um ar de riso meio irônico.

- Não? Que descobriu, então? — É cedo para falar. Vejamos a correspondência, sim?

Porém o capitalista, intrigado e ansioso, insistiu:

- Não podia dizer-me?.

- Mais tarde, quando tiver visa sua correspondência, opôs Briclo com franqueza. O meu fim principal é descobrir quem escreveu as cartas comprometedoras e sem perda de tempo.

- Aqui, neste gavetão, indicou

respondência no gavetão, opôs-se, delicadamente, dizendo:

- Não se incomode, deixe tudo ai, vou aproveitar para fazer uma

- Se me dá licença, estas cartas que escolhi ficam comigo até mais tarde. Que horas são? Sete

- Podemos ir para a mesa.

- Após o jantar concluirei o meu exame.

Feito o repasto, Bricio, de novo no escritório de Linhares, instalado à secretaria, apreciando um magnifico charuto havana, e com as diversas cartas abertas na sua frente, levou longo tempo a conma que o ciume e a presumível desilusão do seu amor confran-giam. Ia, talvez, falar... quando viu um automóvel deter-se à porta do palacete.

- Aí vem sua espôsa, disse, vindo até onde estava o acabrunhado milionário; preciso que ela me re-

- Vou providenciar, respondeu Linhares, erguendo-se e apertando um botão elétrico.

Não tardou que se apresentasse um criado, a quem ordenou:

- Diga à senhora que o sr. Bricio Araújo lhe deseja falar com urgência e que eu lhe peço para

# CARTAS

autor dessa correspondencia vergonhosa.

Mas veja o sr. Linhares, simplesmente porque as provas parecem tão positivas nas expressões e nos detalhes da vilania, é que me inclino a duvidar da sua au-

Não procure trazer ao meu espírito uma esperança que essa



indigna correspondência torna inadmissível. Agradeço-lhe a generosidade da intenção.

Não me compreendeu. Não se trata do senhor, mas de analisar o fundo de verdade que estas cartas possam encerrar. Estamos em face de um problema que vou re-

Durante uma ausência de vinte e cinco dias, que o senhor empregou na inspeção das suas fazendas, sua espôsa enamorou-se de um homem de quem recebeu estas cartas apaixonadas, e por certas passagens escritas cruamente, presume-se que ela esqueceu os seus deveres. O senhor regressa, vai ocasionalmente aos aposentos de sua espôsa e encontra, debaixo de uma caixa de papel, êste maço de cartas que deviam ter sido destruídas ou pelo menos guardadas em lugar seguro. O senhor lê as cartas, apresenta-as à sua espôsa e exige explicações. Ela surpreenindignada, repele a acusadida e ção; declara desconhecer esta correspondência, que não quer ler, jura ignorar quem é o missivista e não sabe explicar como se achavam estas cartas nos seus apo-Bentos.

Exato.E, segundo me disse, pareceu-lhe que sua espôsa falava com

absoluta sinceridade.

— Pelo visto, é uma comedian-

te consumada.

- Perdão! mas o passado? - Impecável, confesso. O amor, porém, transformou-a completamente. As próprias cartas que o senhor tem aí, o dizem e o provam suffcientemente.

- Já me afirmou que não sus-

pelta de ninguém.

- Assim é. A inicial que firma essas cartas não me diz nada...

A hora marcada, Bricio, apresentou-se no palacete Linhares.

- Por onde deseja começar as suas buscas, perguntou-lhe o milionário.

Pelos aposentos de sua espôsa.

- Queira seguir-me. Bricio foi introduzido num elegante boudoir Luis XV, onde predominavam o azul turqueza nos panneaus e cortinados, e a laca branca tocada a o ur o reluzente nos móveis artisticamente trabalhados. Depois de um curto exa-me, Brício, dirigiu-se a uma se-cretária delicada e apontando para uma bonita caixa de cartão colorido, interrogou:

- Foi aqui, sob esta caixa, que encontrou as cartas comprometedoras?

Exatamente. Não tendo achado papel de carta na minha secretaria, vim aqui buscar uma fô-

ha e...
Posso examinar o móvel?
λ sua vontade.

O detetive retirou as gavetas que examinou com atenção, depois apalpou os vãos e o fundo da secretaria para ver se descobria algum esconderijo.

Enquanto Bricio inspecionava papel por papel, móvel por móvel, numa busca meticulosa, paciente, e repunha tudo nos seus lugares, Linhares, sentado, seguia - lhe os movimentos com mal disfarçada impaciência.

Os bronzes foram examinados um a um, não pelo desejo de lhe apreciar as belezas e de conhecer os nomes de seus autores, mas para observar se, interiormente, podiam ocultar alguma coisa. Por detrás dos quadros, assinados por mestres ilustres, houve igualmente caprichosa inspeção. Enfim, tanto no boudoir, como no dormitório, também no estilo Luís XV, nada escapou à sagacidade perscrutadora do detetive. As pesquisas duraram quase duas horas, ao fim das quais o detetive quebrou o silêncio.

- Passemos, agora, ao seu gabinete de trabalho, se não vê inconveniente?

- Nenhum; estou ao seu dispôr Faça o favor de me acompanhar.

O gabinete de trabalho de Linhares era uma vasta sala mobiliada com poucos mas magnificos móveis. Uma larga biblioteca de carvalho esculpido que ocupava o major vão da parede, ostentava algumas centenas de volumes vistosamente encadernados. Eram também de carvalho esculturado, a grande secretaria, os seis cadeirões com espaldar de couro lavrado, e uma graciosa coluna encimada por uma estatueta representando a Vitória. Duas misulas ao estilo dos móveis, sustentavam vasos antigos de onde subiam airosas palmeiras. Um Barbedienne de bronze dourado, de múltiplas luzes, pendia a meio do teto de madeira entalhada. Pesados reposteiros azul-escuro cobriam as portas e nas amplas janelas, stores rendados velavam a luz exterior.

Brício não se demorou em estudar a harmonia severa daquele opulento escritório, tinha pressa de prosseguir no seu exame, e por isso, encaminhando-se para a secretaria, pediu:

- Pode mostrar-me as cartas e bilhetes que tenha de amigos e conhecidos?

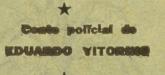
- Supõe?

- Não supenho, investigo.

- Vai perder tempo, como per-

Linhares com visível enfado, encontrará a correspondência que recebi ultimamente. Como vê, está atirada ao acaso. Só não estão ai as cartas de negócio.

- Isto vai levar tempo, conjeturou o detetive, sentando-se ao lado do gavetão, para iniciar a tarefa. O sr. Linhares pode sair



quando quiser, apenas lhe peço para não deixar que me venham surpreender, especialmente sua

 Ninguém o incomodará, descance.

-Obrigado!

Enquanto o detetive abria, uma a uma, as cartas que la retirando do gavetão e lhes estudava os caractéres, Linhares, sentado próximo de uma janela, esforçava-se por prender a atenção às páginas de' um livro em voga. A curiosidade, porém, era mais forte que o interêsse pela leitura e, de quando em quando, entre duas fumacas de um havana superior, lançava olhares furtivos para a secretaria, onde Bricio ia amontoando, pacientemente, cartas e bilhetes.

A noite veiu surpreender o detetive na sua empreitada de ana-lisar tipos de letra, indiferente à presença de Linhares e quebrando, apenas, o silêncio em que se engolfara, com uma ou outra exclamação sumida.

O milionário cansado daquele mutismo a que o condenara a indiferença do detetive e querendo fugir à tristeza que o cair do dia infunde sempre e que agora lhe agravava a angústia do desgôsto que o mortificava, deu volta ao comutador fazendo jorrar das inúmeras lâmpadas do magnífico Barbediénne, uma luz intensa, bri-

lhante. - Já estava escuro, disse.

- Tenho bons olhos... demais não estou a ler a sua correspon-dência... Veja lá, não se prenda por minha causa, se tem afazeres.

- Posso esperar... e pelo que vejo está quase no fim.

- Efetivamente... Sua espôsa a que horas deve voltar?

- Nove horas, mais ou menos, mas pode estar tranquilo, não virá

- Nesse caso teremos tempo de - Fá-lo-emos durante o jantar,

porque o senhor janta comigo, não é verdade? - Com todo o prazer! e como

tivesse cotejado duas cartas, soltou inadvertidamente uma exclamação: Ah!

- Que foi? - Nada.

- Noto que tem separado algu-

mas cartas. - De fato.

- Espera encontrar nessa correspondência o segrêdo que tanto me interessa?

- Não senhor. - Não percebo.

- Espero, tão sòmente, achar

- Cada vez percebo menos. Terminei.

Linhares vendo que Bricio se dispunha a repôr a numerosa corfrontá-las e a analisar-lhes os caractéres meticulosamente. Batiam nove horas quando, terminada a pericia, dirigiu a palavra ao milionário:

 Quem é o sr. Ataide?
 Carlos? Oh! é um excelente rapaz, um caráter de eleição e um amigo leal. Hein?

Suspeita dêle?

- Suspeitar, eu? A suspeita não faz parte do meu método de averiguação. Para suspeitar é preciso ter uma desconfiança mais ou menos fundada... ora, eu, nem sequer conheço êsse senhor. Não reparou que a letra dêle é muito parecida, senão igual à das cartas que o senhor achou no aposento de sua espôsa?

- É verdade! - reconheceu Linhares, depois de observar as duas cartas que o detetive lhe estendia por cima da secretaria. E muito transtornado, sentindo o espinho da dúvida penetrar-lhe o coração, exclamou dolorosamente:

- Será possível?! Um amigo em quem tanto confiava!

- Perdão! Não se lance já num campo de conjeturas absurdas.

- Absurdas? Então não está vendo a letra dêsse homem? Quem me escreveu esta carta, escreveu est'outra a minha mulher!

- Engana-se!

- Engano-me? - Redondamente.

Em que se baseia para o afir-

- Dir-lh'o-ei mais tarde, depois de ouvir sua espôsa.

- Vai interrogá-la?

- Negará tudo. Está no seu

- Ao contrário, dir-me-á tudo quanto desejo saber. Espera que ela lhe diga o no-

me do cúmplice?

- Não se trata de um cúmplice. - Então de quê?

- De me dizer quem escreyeu estas cartas.

- Deixe-me rir! Não se trata de um cúmplice e sim de quem escreveu essas cartas mas é tudo a mesma coisa.

 Labora num êrro, sr. Linha-res. Não quero discutir sôbre o que diz ser a mesma coisa. Já lhe disse o que pensava.

Enganei-me quando o procurei; o sr. Brício não quer descobrir um patife; pretende unicamente, fazer-me crer que o crime que essa correspondência denuncia não existe. Só o move um sentimento de piedade pela minha dor. O seu dever não é dar-me confôrto, mas ajudar-me a confundir os culpados! Minha mulher e o Carlos... quem seria capaz

Num gesto desesperado, Linhares deixou-se cair numa cadeira, debruçou-se sôbre a secretaria, ocultando o rosto aflito entre as mãos convulsas.

de supôr?!

Bricio, vislvelmente impressionado por aquela explosão, tanto mais inesperada, quanto o milionário se mostrara até ali calmo e refletido, dirigiu - se vagarosamente à janela, encostou a cabeça aos vidros e pôs-se a olhar para a rua tôda molhada pela chuva miudinha que caía, monótona e enfadonha. Seus olhos contemplaram ao longe o mar de telhados que a chuva tornava luzidios como se fôssem de vidro. Tudo se apresentava sombrio e triste! Com a fronte carregada, Brício sentiu-

Cinco minutos depois, o detetive, achava-se na presença de uma senhora alta, elegante, de face movediça, iluminada pela claridade inquieta dos olhos garços, bôca fresca e aspecto senhoril.

- Releve, minha senhora, a ousadia de certas perguntas que vou dirigir - lhe, mas a felicidade do seu lar assim o exige.



Contava com a visita de um embaixador — principiou ela num tom de leve ironia que mal disfarçava a tristeza que lhe la nalma - mas não a esta hora. Pois que veio, tanto melhor, mais depressa se resolverá esta penosa situação. Estou às suas ordens, pode perguntar.

— Disse-me seu marido que v. excia. não quis ler estas cartas quando...

- Para que havia de as ler? Não me interessava saber o que diziam.

cer-lhe o autor. Não creio. Nenhum homem se poderia julgar autorizado a escre-

- Mas poderia, talvez, conhe-

- Todavia é preciso que me diga se conhece esta letra, e apresentou-lhe, aberta, uma das cartas

comprometedoras. - Parece-se com a de Carlos aide amigo de meu marido não deve ser, porque está dirigida

a mim. Carlos não seria capaz de uma tal ação.

- E est'outra?

- Não conheço. - É do senhor Jacinto Tôrres.

- Ah!

- Conhece-o?

- Conheço, respondeu friamente. - Não julga, então, capaz o se-nhor Carlos de Ataide de escrever estas cartas com o fim especial de

a comprometer aos olhos de seu marido?

- Não senhor.

- E o sr. Jacinto Tôrres?

- Não sei..

- Sou talvez, inconveniente, mas é indispensável que eu saiba, só eu, se êsse senhor se atreveu a cortejá-la.

[Conclut na página sets]

Scotland Yard, ao se despedir dêle na gare Vitória, tinha-lhe recomendado que, na · Cidade da Luz, fôsse, cumprimentar, em seu nome, o velho amigo Jack Laan, gerente ai de uma grande casa de tecidos ingleses.

- Serás recebido como nunca. Mose na rua do Faubourg - Poissonière

Buster Fox lembrou-se da recomendação num dia em que passeava, alegremente, admirando sucessão dos Grandes Boulevards. Eram 3 horas e 45.

- Hora de visitas, pensou êle... È aqui perto. Vamos levar os cumprimentos de Tanner aos seus amigos. E tirou do bolso o caderno de notas, para verificar bem o enderêco.

Vinte minutos depois, era introduzido em luxuoso apartamento por uma ama de pronunciado tipo alsaciano, falando, porém, corre-tamente a língua de Albion.

Queira sentar-se. Madame não

Enquanto esperava, Fox entretinha-se analisando o aposento que denunciava a ventura, a alegria e a paz dos que habitavam a casa E comparava a sua vida agitada de detetive, as inquietações de sua mulher, o desassossêgo dos seus filhos, com a paz deliciosa da vida intima em familia, que lhe lembrava aquele lar.

Interrompeu as suas refeições à entrada inopinada de Mme. Laan. Era uma senhora de seus trinta e cinco anos mais ou menos. Vestida simplesmente, mas com gôsto, parecia uma boa dona de casa. Mas o rosto, desconsertado, mal dissimulava uma grande inquietação. Logo que a viu entrar, Fox admirou-se grandemente de surpreendê-la, escorregando para o holso da blusa um lencinho que havia, sem dúvida, enxugado lágrimas

- Perdão, senhor ... Estou inteiramente fora de mim.

Foi o que pôde dizer com a emoção de que estava possuída, e que o detetive não chegava a compreender. Reflexos nervosos sacudiam-na ininterruptamente.

- Nunca se deve ter pressa em concluir pela felicidade alheia, refletiu o inspetor.

E, embaraçado por tal acolhimento, depois de um silêncio longo, decidiu-se a falar:

- Peço perdão, senhora, se a Incomodo... Eu lhe sou completamente estranho. Mas um amigo comum me pediu que viesse cumprimentá-los. Tanner, o inspetor Tanner, de Scotland Yard.

Ouvindo o nome do célebre detetive, o rosto de Mme. Laan se desanuviou um pouco.

Oh! não estar êle aqui em pessoa... Talvez evitasse uma desgraça..



Tirou do bolso o caderno de notas

Buster Fox não quis mostrar-se Indiscreto. Mas também não podia falar de outro assunto, porque a mulher estava por tal forma perturbada que apenas se apercebia de que um homem se achava perto dela.

E só se lembrou de que não tinha ainda dito o seu nome.

- Sou Buster Fox, também inspetor de Scotland Yard... Se lhe posso ser útil em alguma coisa...

- Agradecida. Ia prevenir a policia parisiense... Mas agora me lembro: não lhe falei da ameaça terrivel que pesa sôbre a nossa

Fox prestou o ouvido profissional curioso.

- Há quatro dias, começou Madame Laan, na segunda-feira passada, precisamente a estas horas, a campainha do telefone tocou Fiquei logo inqueta. Nunca me procuravam pelo warêlho, nem eu dêle me servia senão para encomendas, e sempre antes do meio-dia. Hesitei um instante, com andam bandidos nisto, não se arriscarão a tentar um rapto, senão no caso extremo que lhe neguem o primeiro pedido... Falta - lhes ainda fixar a forma do pagamento e dar tempo a que se arranje o dinheiro... Ninguém tem assim à mão cem mil francos, muito menos uma mulher...'

O taxi chegou a tempo de assistir à saida da escola.

Buster, porém, tinha saltado uns metros antes, para seguir a pé.

Apareceram Carlinhos e Josiana. Falavam amigàvelmente a um camaradinha, que estava acompanha-

- Lograram - me!... ful logra-Mas não me dou por vencido!

Diante do fone fixado à beira da mesa, um disco já concluído continuava a girar no fonógrafo. Este aparêlho e mais o interruptor do telefone estavam ligados por meio de correias a um mecanismo de relógio que marcava 4 horas e 10.

Fox repôs a agulha no comêço do disco. Uma voz, que concluiu ser a mesma que diàrlamente ende terror Mme. Laan, uma voz ameaçadora e rude ordenou:

# m golpe pelo teletone

a respiração suspensa. "Alô?..." Uma gargalhada sinistra foi a resposta; uma dessas risadas roucas sacudidas, que só sabem ter os dementes e os homens profundamente maus. Depois, ouvi o estalido do fone, que se reengancha-va... Fiquel angustiada até a volta de meu marido, a quem contei detalhadamente o que se havia passado...

- Ora, disse-me êle, não te aflijas! Foi algum idiota que entendeu de fazer, contigo uma brincadeira de mau gôsto.

Reanimei-me. Não pensei mais no caso, até que no dia seguinte, à mesma hora, ouvi de novo tocar... Não quis atender, senhor, certa de ouvir a voz que tinha sido a causa da minha inquieta-Mas, mesmo sem querer, arrastei-me ao aparêlho... Queria certificar-me... Só ouvi, porém, a mesma risada de ironia maldo-Cai sentada no divã, e esforcei-me por desvendar, que m poderia ser o autor dessa comédia sinistra. E não descobria... A noite, por vergonha, nada disse ao meu marido... Mas meu espírito não conseguia libertar-se da obsessão daquela voz. No dia seguinte, foi trincando os dentes, os olhos fixos no telefone, que esperei as quatro horas.

Quando ouvi chamar, dei um grito e desmaiei. Estava só. Voltando a mim, a campainha chamava ainda. Saltei para o fone, e a mesma voz de sempre me ordenou:

"Cumpra as minhas ordens. Escute". Esperei as ordens ofegantes, disposta a tudo, tal era a minha tensão de nervos... Mas não me foram dadas aquele dia.

Hoje, quinta-feira, quando meu marido, ao qual nada ousei confessar, me deixou, depois do almôço, para ir ao escritório, fiquei abatida, sem fôrças, completamente entregue ao tirano desconhecido... Esperava tudo, senhor, resignada e submissa. Esperava tudo.

. Menos isto...

- Prepare cem mil francos, ordenou a voz misteriosa... ou raptaremos o menino.

Meus filhos! exclamou a mãe com a voz angustiada.

Meu Carlinhos... Minha Josiana... Querem raptar os meus filhos ... Talvez a esta hora já os levaram da escola..

Oh, senhor! permita-me que vá à procura dêles, que corra ao seu

encontro!. Buster Fox não perdeu uma símas palavras o convenceram de que nada faltava para que a loucura invadisse o cérebro da pobre mulher. O terror, inculcado às doses, já produzia o seu poderoso e perigoso e feito. A mãe não se acalmaria antes de estreitar os filhos nos braços.

- Venha, senhora, disse-lhe êle. Vamos buscar os seus filhos.

Tremendo e alucinada, ela se deixou levar até o taxi, que o detetive fêz parar à porta.

Não abriu a bôca durante o trajeto.

Buster, ao seu lado, refletia:

"Ameaça à americana... o gol-pe clássico dos "gangsters" novaiorquinos... especialidade de alemães e italianos, que passaram por Brooklyn ou Chicago... Pensando bem, as crianças não podem correr nenhum risco por enquanto. De tôda a forma os bandidos, se

do de sua ama. Esta parecia honesta. Mas não era caso de desconfiar de todos?

Mme. Laan se interpôs logo entre ela e os filhos. E enquanto, seguindo instruções, ocupava - se

> Movels melicial de C. MARECHAL

em fazê-los subir ao carro, o detetive observava se alguém na rua se interessava pela manobra.

Transeuntes, motoristas e passageiros de autos, cortinados das janelas vizinhas, nada escapava ao seu olhar arguto.

Não viu, porém, nenhum suspeito prestar atenção ao auto, que deu saida lentamente.

Mas quando, duas horas mais tarde, voltou à casa de Madame Laan, já sabia que o 1444.28, número do telefone dos Laan, havia sido pedido de um taxifone...

- Existem 243 taxifones em Paris, explicou à Madame, radiante pelo serviço que lhe podia pres-tar...E amanhã, às 4 horas, um policial francês vigiará todos os aparelhos, verificando a identidade de quantos se servirem dêles de 3 horas e 30 às 4 e 30. Demais, torna-se impossível agora telefonar para aqui que eu não seja imediatamente previnido, no posto policial mais próximo. Mas é preciso que a senhora retenha os filhos em casa por alguns dias! que faça tudo o que se lhe disser! e, sobretudo, que não dissimule a sua angústia!

No dia seguinte, às 4 horas, Buster Fox estava a postos no comissariado policial vizinho.

As 4 e 20, retiniu o tímpano do

telefone. - Alô, falaram da central o 1444.28 acaba de ser pedido pelo

241.17. Fox folheou, rápido, o catálogo, que lhe tinha sido confiado, na

véspera, pela central parisiense. - 241.17, murmurou entre den-

tes, 241.17...8, Faubourg du Temple concluiu, erguendo-se. De um salto, ganhou a rua e o

taxi que o esperava, e partiu como uma bala. Chegado à casa suspeita, nem deu tempo a que o auto parasse. Precipitou-se por uma escada estreita, entre dois armazéns.

Empunhava o revólver e mordia os lábios. No primeiro andar, estacou diante de uma porta fechada a chave. Em nome - Abram! bradou ...

da lei, abram ou eu atiro.

Não responderam. Mas do interior chegava aos seus ouvidos um ruído fraco e regular. Encostou-se então ao estreito patamar da escada, e com um arremesso brusco, atirou-se contra a porta, que gemeu.

Ao segundo lance, a porta cedeu.

Devagar, cauteloso, o inspetor arriscou-se nessa ampla sala, que umas cortinas corridas deixavam na penumbra.

Os seus olhos se voltaram primeiro para os cantos, onde debalde procuravam divisar uma forma humana.

Depois, parou de repente no melo da sala e êste grito de raiva escapou-lhe da garganta:

"Traga o dinheiro amanhã, às 10 horas da noite, à rua de Faubourg Montmarte, esquina do Boulevard Montmartre. E espere. A senha é: "Meu pintainho".

E o disco acabou sem dizer mais nada.

O detetive sentou-se numa poltrona, tomou um pedaço de papel e um lápis e, escrevendo, pôs-se a

Melhor lhe teria sido despender meia hora em cálculos do que perder horas inteiras em corridas vãs. Restavam-lhe 23 horas e 45 para arquitetar um plano de captura. Procurar indícios naquela sala e seguir a pista que êles indicassem seria coisa muito demorada. Havia um meio único: preparar habilmente o encontro para o dia seguinte à noite. Descendo, procurou o porteiro. Este infor-mou estar vazio há um mês o apartamento mobiliado, até então ocupado por um alemão que partira para a América. Esse homem recebia numerosas visitas, e êle porteiro, mal situado, não podia do seu posto controlar as entradas e saídas do edifício.

- Não tenho tempo agora. Mas no que me diz há coisa. Voltarei aqui, se for preciso. Rua do Faubourg-Poissonière, ordenou ao chofer do taxi, que o esperava ainda.

Entrou sem bater, sem tocar, sem previnir, e esbarrou com a ama, que passeava no corredor.

Sorriu-lhe gentilmente, mas, voltando-lhe logo o rosto, fixou no espaço um olhar de suspeita: "Al-Alsaciana... ou alesaciana?... mã... Decididamente, anda gente dessa raça metida neste negócio".

Mme. Laan, no salão, mantinha com dois policiais franceses longa conversa a respeito da atitude que lhe restava tomar no dia seguinte.

Fox conhecia um dêles, porque o encontrara durante as suas primeiras "demarches"

Era Paulo Renard, um estreiante que prometia muito.

O outro, o mais velho, lançou--lhe um olhar de desdém, quando Mme. Laan apresentou: "O inspetor Curty, da Segurança". Mas Buster Fox cumprimentou-o afàvelmente. Principiaram logo as

discussões cerradas. - Deixo tudo aos seus cuidados, disse o inglês, voltando-se para Curty. Lamento ter de tomar o vapor em Dieppe amanhã à noite. Mas o serviço me obriga. Ajudá-lo-ei, contudo, com os resultados das minhas pesquisas enquan-

to me sobrar o tempo. - Muito amável, respondeu o francês.

Mas não é preciso incomodar-se. Eu resolverei êste, como tenho resolvido outros casos.

Buster Fox revelou as suas suspeitas com relação à ama.

- Já pensel nisso, interrompeu Curty. Mme. Laan vai despedi--la já.

Fox tinha atraído Renard para um canto da sala. Esse moço lhe era sobremaneira simpático.

- Está livre? perguntou-lhe.

- Como detetive inglês não posso ocupar - me oficialmente dêste caso. Mas não quero abandoná-lo senão no último momento... Tenho um plano. Quer ajudar-me?

- Com muita vontade, senhor Fox. Sou novato, e dar-me-el por feliz estrelando sob as suas vistas, Scotland Yard tem fama mundial.

- Obrigado. Então siga essa mulher até amanhã às 6 horas. Nessa hora telefonar-me-á para o posto da rua Faubourg Montmartre. De acôrdo?

- Entendido, respondeu Renard, eclipsando-se.

- Já arranjou nova ama? perguntou Fox. aproximando - se da

- Não. Confiar em quem agora? respondeu o senhor Laan, perplexo.

- Amanhã cêdo eu lhe mandarei uma inglesa que conheço intimamente e em quem pode conflar. Mande - a levar o dinheiro, alegando que Madame está muito cansada... Ou melhor, não se preocupe com o dinheiro. Mande só a mulher às 10 horas.

Eu combinarei com ela o resto. Estaremos lá, interveio Curty, com um tom de importância.

- Espero, replicou Fox, sorrindo maliciosamente. E, voltando-se para o dono da casa:

- Então, sr. Laan, plena confiança na pessoa que eu mandar... Tranquilize a senhora, e esqueça esta semana perturbada... Eu levarei amanhã mesmo os seus cumprimentos ao velho amige Tanner... Adeus!

Lastimo não nos vermos antes; meu trem parte de Saint Lazare para Dieppe aos 23 minutos.

- Não sei como agradecer-lhe, começou o senhor Laan...

- Ora... ora... O que eu fiz nada foi até agora, interrompeu o detetive. Amanhã à noite é a êste senhor que terá de agradecer, concluiu com uma ponta de ironia, indicando Curty.

No dia seguinte, sexta-feira, às 8 horas da manhã, uma aia inglesa, mulher forte, madura, sêca de atitude e de gestos, entrou para o serviço da casa do sr. Laan, munida de uma carta de calorosa recomendação assinada por Buster Fox. Ela falou pouco, entreteve-se aqui e acolá, e manteve-se sobretudo alheia ao terror que envolvia aquela casa. Os Laan não teriam simpatizado com ela, se não fôsse o elogio que lhe fizera o detetive. Assentada em uma poltrona e retendo os filhos, Mme. Laan não deixou o salão durante todo o dia. O marido faltara ao escritório para velar pessoalmente pela famí-

O ambiente era lúgubre...

As 9 horas e 45 da noite, a ama entrou naturalmente no salão anunciou: "Vou-me embora".

Levava um pequeno embrulho, e não esperou nem mesmo as ordens do senhor Laan.

- Estranha mulher esta que o senhor Fox nos mandou, dizia êle consigo mesmo, mas talvez tenha muitas qualidades... Deus sabe a que se vai já arriscar por nós!

Deitando os pequenos, Madame Laan recomendou-lhes ma pedis-



O inspetor Tanner

sem muito a Deus afastasse a desgraça daquela casa.

Antes das 10 horas, já a ama andava para lá e para cá em frente ao armazém do sapateiro Raul, não longe da embocadura do Metro Montmartre. Curty e os policiais franceses, postados nos arredores, espiavam. Numerosa era a multidão que trançava a calçada. Cêrca das 10 horas e 20, vindo não se sabe de onde, um homem es-[Conclui na sexta página]

[Conclusão da página quatro] Como certos homens, atualmente, praticam o sport da galanteria, mais ou menos delicadamente, êsse cavalheiro, uma tarde, numa garden party, foi além do que, vulgarmente se admite... e tive que lhe dar com o leque na cara. Encolerizou-se e não sei até onde iria a sua insolência se o sr. Carlos Ataide não aparecesse naquele momento. Para disfarçar, rindo alto, tomei o braço de Carlos e pedi-lhe para me conduzir à casa. Pois êsse tal sr. Jacinto teve o atrevimento de me telefonar mais tarde para fazer insinuações que não quis escutar.

- Quem teria colocado as cartas na sua secretaria? Uma das criadas, não lhe parece?

Nem tinha pensado nisso. A Luzia não me parece... serve-me hà tantos anos... talvez a Ana... oh! isto é desagradável! Não quero suspeitar de ninguém! Meu Deus! que situação hórrivel!

- A nuvem negra que pairava sôbre esta casa, ereio que se vai dissipar. Fice-lhe imensamente

- Não me diz nada sôbre.

- Seu marido virá daqui a pouco e com êle a alegria. Um seu criado

Assim que o detetive voltou ao escritório, Linhares perguntou-lhe com ansiedade:

E então? - Um pouco de paciência. Mandei vir aqui as duas criadas que servem sua espôsa e dei ao seu empregado José certas instruções que, embora lhe pareçam estravagantes não deverão arrancar-lhe

uma palavra. Nesse instante entraram as duas criadas e o detetive que se tinha entado à secretaria, chamou-as:

- Aproximem-se. O seu nome?

- Ana, respondeu uma delas.

# CARTAS DE

- É a criada de quarto da se-

- Não senhor, ocupo-me da limpeza das salas e ajudo a minha companheira Luzia.

- Chama-se Luzia?

- Para o servir, respondeu a

Bricio começou a fingir que escrevia, mas sem perder de vista as duas empregadas. Os minutos foram-se escoando com uma lentidão enervante para as duas mulheres que ignoravam o motivo porque estavam ali, de pé, em frente àquele velho que parecia tê-las esquecido.

O reposteiro levantou-se e José anunciou:

- O sr. Carlos Ataide. - Diga-lhe para esperar no sa-150, acudiu Bricio, antes que o dono da casa falasse, e voltou a garatujar no papel.

Decorreram mais dois ou três minutos e de novo o criado velo anunciar:

- O sr. Jacinto Tôrres

- Conduza-o à sala de jôgo, ordenou Bricio e vendo que Ana se ia escapando, perguntou-lhe seve-

- Onde vai?

- Vou... julguei ouvir a cam-painha da senhora... e ia... explicou ela, bastante atrapalhada.

- Luzia, vá ver o que a senhora quer e, enquanto não a mandar chamar, não torne aqui.

Logo que Luzia desapareceu, detetive levantou-se, veio até à frente de Ana e fitando-a com insistência, inquiriu:

- Há quanto tempo tem relações com o sr. Jacinto Tôrres?

- Eu... não sei o que quer dizer... está enganado...

- Nesse caso quanto lhe deu êle? - Dinheiro? Para que me havia de dar dinheiro?

- Não quer confessar? Então vou mandá-la para a delegacia de policia para explicar certos fatos.

- Por amor de Deus! não me prenda! Não sou culpada! e ajoelhando aos pés de Bricio, aflita e chorosa, suplicou: Não me pren-da! Ele disse-me que era uma brincadeira! Juro que não sei o que diziam as cartas.

- Vá para o seu quarto e muito juizinho! A rapariga saiu lavada em lágrimas.

- Foi o Jacinto? - perguntou Linhares, indignado.

- Sim, foi éle que fabricou as cartas de amor, imitando a lera Carlos Aataide.

Uma intriga torpe e covarde que o senhor deve votar ao desprêzo. - Vou pô-lo no meio da rua, e foi-se encaminhando para a porta.

- Não se dê ao trabalho de sair daqui. Esse homem não está em sua casa.

- Mas há pouco o José.

Uma comédia para surpreender a culpada, e como viu, deu bom resultado.

- Então o Carlos Ataide não está no salão?

- Não senhor.

- Como deslindou esta meada?

- Confrontando as cartas amo-rosas com as outras verdadeiras que o senhor tinha, notei, por exemplo, que nestas os tt sempre se seguiam à letra s eram cortados em baixo com um traço simples. Quando dois tt se seguiam com intervalo apenas de vogal, como na palavra titubear, o primeiro tinha a haste alta e o segundo a haste menor.

# AMOR

Em dois tt juntos, o traço quase sempre cobria as duas hastes. O s no meio das palavras nunca se ligava à letra imediata. O til em não, cobria sempre a palavra, indo de trás para diante e voltando até morrer em forma de agulha, ao passo que nos sufixos em ão o til partia do o e alçava-se em curva elegante sobre esta letra. Ora nas cartas falsas não se vêem essas

É espantoso! Que perspicácia!
Isto é o A B C da perícia caligráfica.

E como descobriu que o falsificador era o Jacinto?

- Por acaso e pela letra com me firmou as cartas.

- Um Z ...

- Exato, Provavelmente ele não tinha um Z original para imitar e, não ligando ao caso a menor importância, escreveu o Z como eostumava fazê-lo. Ora num bilhete que o senhor tem aí, êle acusa alguém de ter feito uma tolice e chama-lhe zebra com Z maiúsculo. Por isso...

- O senhor é admirável!

- Exagera! Faz-se tarde... Vå sossegar sua espôsa... e queime essas malditas cartas que tantos desgôstos trouxeram a esta casa.

- Tem razão! Boa nolte e mui-

## terrivel assassino

[Conclusão da página três] cintura, puxar do fação - bem pequeno por sinal - e, cego de ira, atirar-se contra o seu agressor.

Ciríaco não pôde evitar a ar-remetida, tão inesperada, quanto violenta, e quando quis dar-se conta da situação, já Isidoro lhe havia fundido a arma no coração.

Algum dia tinha que ser. Sr. Ciriaco. Era um homem aproveitador... a cada porco lhe chega a sua hora. Que canalha!

Isidoro disse tôdas essas palavras, fitando o negralhão que dava os últimos arrancos, e de repente, pulou para fora da venda, montou no cavalo e vendo o sargento que se aproximava, voltou as rédeas e desapareceu, envôlto numa nuvem de pó.

Na chácara em que trabalhava Isidoro, começaram a olhá-lo com receio, como se desconfiassem dêle. A mulher do patrão, sobretudo, parecia tremer na sua presença, como se se achasse ante um assassino temível. Isto partiu de um dia em que o marido lhe trouxe um diário e lhe mostrou o retrato de um homem que tinha muitas semelhanças com o forasteiro. Durante alguns momentos entreteve em examinar furtivamente a fisionomia de Isidoro e de a comparar com a do delinquente que tinha assassinado "por puro prazer" a um bom homem em uma venda, segundo se lia em letras garrafais no tal diário.

- Olha, José, êsse homem é o mesmo que matou o outro e que está no jornal. Por que não vais ao povoado denunciá-lo à polícia? O marido abanou a cabeça, como pensando bem no que devia

fazer e acabou por dizer:

— Tens razão. Esse homem é um perigo constante. Qualquer dia, degola-nos a todos para nos rou-

bar os quatro pêsos que temos.

— Que mêdo, José! Sempre desconfiei dêle. Tem máu olhar. Anda sempre só. Não pode ser bom.

Não deve continuar aqui, O patrão concordou e depois de recomendar discreção, dirigiu - se para o povoado, a fim de denunciar o terrivel assassino, que a policia procurava inùtilmente.

- Deus nos protejal - exclamou a mulher ao encontrar-se só. chácara era uma modesta casa de campo, onde trabalhavam uma meia dúzia de peões, em determinadas épocas do ano.

Enquanto esses homens se afastavam da casa para se entregar às suas tarefas, a mulher ficara a cuidar do lar com os dois filhos, uma pequena e um pequeno de

Nunca tinha tido mêdo, porque era uma criatura resoluta e co-rajosa, mas desde que vira o retrato de Isidoro no jornal, andava acovardada

Um payor invencivel se apoderara dela e ain da que quisesse desterrar esse medo e ser forte, não podia; sentia-se a mais fraca e a mais indefesa das mulheres.

Entardecia. Ao longe parecia incendiar-se o campo com os últimos raios do sol avermelhado, que se punha. Um silêncio impressionante se estendia sobre todas as coisas. E a mulher experimentava uma crescente angústia perante aquela solidão que a rodeava. As crianças dormiam já, porque, como se levantavam cêdo, tinham sono logo que as primeiras sombras do crepúsculo apareciam.

A mulher ia acender a lampada de querosene, mas lançou uma

olhadela temerosa para a porta, por onde entrava uma penumbra que ràpidamente se la tornando mais espessa, como se fora a própria noite que vinha entrando. Subitamente, uma figura de ho-

mem se recortou entre portas e foi tal a impressão de terror que a mulher experimentou, que a lâmpada se lhe escapou das mãos foi parar ao chão, ao mesmo tempo que um grito de pavor abalava a casa.

- Senhora, o senhor Pedro dia

A mulher, aterrorizada, não lhe deixou concluir a frase:

— Saia, saia! Assassino! Que

quer de mim?

Isidoro, enleiado, ficou estático em face daquele inesperado aco-lhimento e quis, depois, fazer compreender que vinha unicamencumprir uma ordem que lhe haviam dado.

- O senhor Pedro diz que faça favor de me dar o...

Não dê um passo mais ou mato-o como a um cão! rugiu a mulher, da sombra que a envolvia, e com os dentes a bater, medrosa.

Isidoro quis avançar um pouco. intentou falar, pedir, mas não pôde; uma detonação o ensurdeceu, sentiu-se ferido de morte e tombou por terra.

Assassino! Assassino! gritou a mulher fora de si, com a arma ainda fumegante, nas mãos trê-

Isidoro, apenas pôde balbuciar: Não, senhora! A senhora é que é uma assassina que não tem o perdão de Deus!



# Auxilio na construção de silos

O Ministério da Agricultura auxilia financeiramente a construção de silos para a conservação de forragens. Este auxílio varia conforme o tipo do silo e sua capacidade, podendo ser:

a) para silos elevados, isolados, construídos de tijolos, de concreto ou de chapa metálica - Cr\$ 40,00 por tonelada de silagem;

b) para silos de encosta ou de morro, de alvenaria de pedra, de tijolo ou de concreto - Cr\$ 35,00 por tonelada de silagem;

c) para silos subterráneos, revestidos de tijolos, de pedra ou de concreto - Cr\$ 25,00 por tonelada de silagem.

A construção deverá ser feita de acôrdo com as condições técnicas aconselhadas pelo Departamento Nacional da Produção Animal (rua Mata Machado, Rio de Janeiro. D. F.) que oferece gratuitamente as plantas e projetos.

Para o cálculo da tonelagem, deve ser tomado o pêso médio de 600 quilos por metro cúbico de silagem (silos cilíndricos). O pa-gamento do auxílio poderá ser feito desde que a construção tenha atingido a dois terços do seu valor e para obter êste pagamento bastará dirigir um requerimento ao ministro da Agricultura, declarando a qualidade de eriador registrado no Ministério (eitar o número do registro) e ter truído o silo de acôrdo com a planta oficial. Não é concedido auxílio para os

silos elevados de capacidade inferior a 20 toneladas, nem para os silos subterrâner de capacidade inferior a 10 toneladas.

## PELO TELEFONE UM GOLPE

[Conclusão da página cinco] barrou com a ama e desapareceu no tunel do metro...

Os detetives se lançaram imediatamente em perseguição dêle...

Nesse momento, um auto parou no meio fio da calçada. Duas irmas de caridade saltaram cautelosamente. Passando pela ama, uma delas segredou-lhe: "Segueme, meu pintainho". A pobre mulher sobressaltou-se e seguiu, tremendo. Mas um sorriso quase imperceptivel lhe aflorou aos lábios.

Uns cem metros adiante, disse--lhe a mesma voz.

A ama apresentou-lhe o embru-Iho e ouviu-se então o leve estalido das algemas que êle encer-

- Dá-me.

Súbitamente voltada para a outra religiosa, a inglesa apertava--lhe os punhos. Dois tiros partiram; uma das balas resvalou no asfalto e a ou-

tra foi alojar-se no teto de um restaurante vizinho. Os transeuntes, aturdidos, não ousaram intervir; mas, formando um circulo, contemplavam, estupefatos, a luta encarnicada entre duas religiosas e uma ama. A es-

tupefação tocou ao auge quando.

no ardor da peleja, as irmās per-

deram as toucas e a ama o véu,

apresentando-se então três cabeças de homem. A ama ria, cheia de malícia, como costumava rir Buster Fox sempre que fazia uma boa captura... As outras - as religiosas ridicu-

las — praguejavam na sua linguagem de além-Reno. Buster Fox distarcado em ama tinha acabado de desarmar a se-

gunda freira. A primeira se esforçava ainda per desenvencibar os punhos aperiados pelas algemas, que haviam tomado no embruho o lugar dos cem mil francos...

- Mãos ao alto! bradou Buster Fox, que conseguira apanhar um dos brownings caidos no chão... E agora, para a policia, que com certeza já conhecem, ajuntou irô-

nicamente... Depois de ter confiado os bandidos às mãos dos agentes franeeses, o inspetor inglês, já em trajes masculinos, esperava as 11

- Alô, telefonou Renard. Estou na rua da Lappe, 23.

- Já vou...

- Tens o revolver? perguntou--lhe Fox, saltando do auto.

- Tenho dois, senhor Fox.

- Adiante, pois.

Entraram num "bar" de aparência suspeita, onde cartazes anun-ciando "choucroute" indicavam a nacionalidade da maioria dos frequentadores.

- Mãos ao alto! disse Fox calmamente, segurando o braço do patrão gordo e rubicundo, antes que éle apertasse o botão de uma campainha elétrica!... Três fregueses estavam na casa.

Vigie - os, Renard, e, se fôr preciso, chame um dos que estão lá fora.

Fora não havia ninguém; mas uma mentira dessas nunca é demais para a polícia obrigada a

descer e mtais meios. Fox, sozinho, levantou uma armação de trás do balcão e galgou, tateando uma escadaria escura e estreita. Do patamar, êle ouviu claramente através da porta, sons guturais de quatro timbres diferentes. Como não compreendia nada do alemão, julgou inútil esperar mais, e irrompeu na sala, gritando maquinalmente: "Mãos ao alto!"

Três homens avançaram de punhal na mão. Mas, diante do revólver e do olhar faiscante do detetive, entregaram-se.

Uma mulher, a criada despedida da casa dos Laan, que se achava no outro canto da sala, imitou-os. lançando para o policial um olhar de ódio.

Fox passou dos bolsos dêles para os seus armas, papéis e gazúas.

Não tinha senão os dois pares de algemas que havia aplicado nas duas falsas religiosas. Colocou isso os presos dois a dois e fé-los descer a escada com os braços levantados. Um quarto de hora depois, os quatro cúmplices e o dono do "bar" estavam reunidos às duas freiras no posto po-

licial. Buster Fox tinha quase acabado de esvaziar os bolsos, narrando a sua aventura ao comissário, quando Curty entrou bastante encabulado.

- Está ainda al? perguntou so ingles, com um tom de impaciência.

Este respondeu com um sorriso, - Nunca fui logrado como hoje, continuou. O homem suspelto e a ama que perseguimos desaparece-

- A ama?... Ei-la, disse Fox calmamente, atirando sôbre a mesa um atrouxa... O homem está lá atrás com todos os seus cúmplices. São seis, senhor Curty.

Nesse momento, os seus olhos se fixaram no relógio da parede.

- 11 horas e 54. É o tempo suficiente para apanhar o trem. Adeus, senhor Curty... Vá tranquilizar o senhor Laan.

- Permita - me que o acompanhe até à estação, disse Renard, que o seguira até o taxi. Ainda não me explicou em que se baseava o seu plano...

Enquanto o auto corria pelos boulevards, Fox ia falando:

- Hontem, a esta hora, eu ainda nada sabia... Supunha apenas que alemães, emigrados para a América, deveriam estar metidos neste negócio.

Ora, esta gente soube que nós vigiavamos os taxifones. Quem os teria prevenido?... A ama, ninguém mais...

- E foi por isso que me pediu que a seguisse?... - Nem mais nem menos ... Tinha a certeza de que os homens, que com tanta habilidade tinham

lançado êsse golpe, não se deixariam cair tão fàcilmente numa cilada armada no seu próprio covil. Deveriam certamente ter combinado um meio de afastar os agentes no momento propicio... Não havia certeza de vêr a cara desses bancidos senão metendo-me na pele da pessoa que, de qualquer maneira ,deveria levar-lhes e di-

já o sabe. - Obrigado. Com essas informações, creio poder reconstituir tode e easo, para estudá-lo a fundo.

Nesse instante, o auto parava diante da estação de Saint-Lazare. - Good bye. Prazer em tornar a vê-lo, senhor Renard .:

E o inspetor, que. ao delxar as margens do Sena, substituia bruscamente a jovialidade francesa pela seriedade inglesa, voltou-se para a abóbada luminosa que cobria a cidade ...

- Adeus, Paris... E perdeu - se na multidão dos viajantes.

Tanner que, no dia seguinte, esperou no cais de Douvres noticias dos amigos Laan, ouviu com certeza muitas novidades...



TRICO — O PONTO DE "SA-QUINHO". — 1.º carreira; 5 trico, 1 saquinho (enfiar a agulha 5 vêzes na mesma malha, pegando um ponto em trico, o outro em meia alternadamente) novamente 5 trico, outro saquinho e assim até o fim da carreira.

2.ª carreira; meia sôbre meia, tricô sôbre tricô (o mesmo para tôdas as carreiras pares).

3.º carreira: meia sôbre meia, tricô sôbre tricô.

5.º carreira: 5 tricô, fechar o saquinho (pegar as cinco malhas juntas de uma só vez o que se conseguirá com uma agulha bem ponteaguda) 5tricô, fechar o saquinho, etc.

7.º carreira: igual a primeira, começando apenas com B tricô no início da carreira para desencontrar o desenho.

BLUSA DE TRIÒ. — Esta blusa é executada com la de dois tons: "beige" e verde. As medidas para manegulm 42,

Pontos empregados. — Ponto de gaita (parte de baixo da blusa, pala das costas e barra do decote na frente): 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso. Ponto de "jersey" (costas e terminação das cavas): 1 carreira pelo direito, 1 carreira pelo avêsso. Para a frente da blusa o ponto de "jersey" foi empregado: o avêsso sôbre e direito do trabalho. Cinco linhas verticais em relêvo feitas cada uma de uma dupla "torsade" cor-



### OPORTUNIDADE

O ator Paul le Grand era muito feio e antes de conquistar o grande nome que teve passou por alguns incidentes curiosos, motivados exclusivamente pela falta de harmonia de suas feições.

Certa noite em que representava uma tragédia, na qual fazia o papel de Mitridates, um outro ator devia dizer-lhe:

→ Mas o que tem?... Sua físionomia está outra!...

Assim que o ator deixou cair essas palayras, da galeria soou uma voz conselheira:

- Aproveite a ocasião e fique com ela!...

tando a parte do ponto de "jersey", que se obtém da seguinte maneira: (x) 8 pontos pelo avesso, 4 pontos pelo direito (1.ª "torsade"), 2 pontos pelo avêsso (separam as 2 "torsade"), 4 pontos pelo direito (2.º "torsade"). Recomeçar em (x). Tôdas as 6 carreiras tricotar os 4 pontos pelo direito da seguinte maneira: escorregar sôbre 1 agulha suplementar os 2 primeiros pontos. Pôr esta agulha para a frente. Tricotar os dols pontos seguintes depois os 2 pontos da agulha suplementar (isto forma o cruzamento da "torsade" e repete-se tôdas as 6 carreiras). Tricotar 2 pontos pelo avêsso e cruzar, como os precedentes, os 4 pontos pelo direito seguintes, pa-ra a 2.º "torsade", etc.

Costas. - Começa-se pela parte de baixo. Pôr na agulha de tricô 100 malhas com a la verde. Tricotar 12 centimetros no ponto de gaita, depois começar o ponto de "jersey" com a la verde. Fazer de cada lado 11 vêzes um aumento com 2 centimetros de intervalo. Quando medir 35 centímetros de altura formar as cavas fechando de cada lado, com uma carreira de intervalo, 3 malhas, 2 malhas e 10 vêzes 1 malha (15 malhas no total). Quando a cava medir 14 centimetros e meio de altura tricotar no ponto de gaita tôdas as malhas para formar a pala. Quando a pala medir 3 centimetros de altura enviezar os ombros fechando de cada lado, com uma carreira de intervalo e em 6 vêzes, 32 malhas para cada ombro e depois as malhas restantes para a gola.

Frente. — Começa-se pela parte de baixo. Por na agulha de trico 103 malhas; tricotar os 12 centimetros no ponto de gaita com a la verde, depois tricotar com a la "beige" o ponto de "jersey": avesso sobre o direito. Tricotar 1 carreira no ponto de "jersey" sobre todas as malhas mas fazendo no decorrer da primeira carreira 6 vezes uma diminuição de uma malha.

Na carreira seguinte começar o ponto de "jersey" de "torsades", tomando cuidado para ter uma dupla "torsade" no centro do trabalho. Fazer de cada lado 11 vêzes um aumento com 2 centimetros de intervalo. Quando o trabalho medir 24 centimetros de al-

tura, separar no meio. Trabalhar cada lado separadamente. Fechar para o decote 18 vêzes uma malha com 3 carreiras de intervalo. Simultaneamente a 35 centimetros de altura fechar para a cava, com uma carreira de intervalo, 2 vêzes 3 malhas, 2 malhas e 9 vêzes uma malha (total 17 malhas). Quando a cava medir 13 centímetros e melo de altura fechar em 5 vézes as malhas restantes. Fazer o outro lado da mesma maneira. Para a barra do decote que se começa pela ponta no meio da frente com a la verde por na agulha 3 malhas (uma malha pelo avêsso) tricotar em ponto de gaita fino. Fazer de cada lado do ponto central que nunca deve ser contrariado, 7 vozes um aumento com 3 carreiras de intervalo. Quando tiver 17 malhas sobre a agulha fazer um aumento no centro e separar o trabalho no meio. Trabalhar o lado direito para o lado esquerdo da blusa, até obter 13 centímetros • meio pouco mais ou menos. Depois à direita das 9 malhas juntar uma vez 23 malhas. Tricotar em linha reta sobre as 32 malhas durante 7 centimetros. Terminar outro lado da mesma maneira. Pregar na frente com pontos invi-

Depois de ter feito as costuras dos ombros, apanhar em volta da cava 90 malhas, respeitando a ordem dos coloridos, sejam 36 malhas verdes e 54 malhas "beiges". Tricotar uma carreira pelo direfte sóbre o avésso, e um centímetro de ponto de "jersey" (para a balnha). Fazer as costuras dos lados e coser a bainha das cavas com pontos invisíveis.



Lindo modelo para passelo em seda preta pesada. Como ornamento: um enfeite de metal branco.

# FORNO ENTROGÃO

CAMAROES COBERTOS. - Um quilo de camarões bem grandes e frescos. Descascam-se só no corpo, deixando-se a cauda e a cabeca. tiram-se as tripas escuras que têm no dorso e faz-se um pequenino golpe de faca, do lado da barriga, para que possam ficar esticados e põe-se, durante uma hora, em sal, pimenta em pó e caldo de limão. A seguir escorrem-se bem em um passador e arrumam--se, bem esticados, em forma de môlho, num guardanapo que se enrola, amarra com um fio branco e leva-se a uma caçarola que já deve estar com água fervente no fogo e deixam-se cozinhar durante um quarto de hora. Retiram-se da água, deixa-se esfriar no próprio guardanapo e depois deixam-se sôbre uma táboa, enquanto se prepara a seguinte

Passam-se na máquina e refogam-se em azeite, cebola ralada, massa de tomate e sal, meia dúzia de camarões crus e juntam-se duas colheres de mantelga. Retira-se a caçarola do fogo e acrescentam-se mais duas colheres de farinha de trigo com uma de fubarina e outra de maizena, tôdas dissolvidas em uma chicara de leite com duas gemas cruas. Torna-se a levar a caçarola ao fogo para cozinhar, mexendo sem parar, até que massa se despegue do fundo da panela. Então despeja-se a massa sôbre uma pedra mármore, untada com azeite e deixa-se esfriar. Com uma colher vão-se tirando da massa porções iguais e com elas envolvendo os camarões cozidos, de maneira que figuem com as caudas e cabeças bem visíveis. Dopois, vão se passando, duas vêzes, cada camarão, em ovos mal batidos e farinha de pão torrado, fritam-se em azeite, dourando-os por igual e servem-se bem quentes sobre um tapete de raminhos de

BOLINHOS CREMOSOS DE QUEIJO. — Mexer numa panela 7 a 8 gemas, desmanchar com 150 gramas de manteiga batida, ligar bem a mistura sem deixar ferver, retirar do fogo, temperar com sal, pimenta e uma pitada de açúcar; juntar 200 gramas de queijo fresco amassado, por último juntar 2 claras batidas, depois 3 decilitros de creme de leiteria batido. Encher as forminhas até ao meio porque cresce muito; salpicar com queijo ralado por cima, e vai assarem forno brando.

VITELA & PROVENÇAL. — De véspera, por de môlho a carne em três copos grandes de vinho branco e um copo de vinagre; temperar com cebolas, cenouras, alho, louro, sal e pimenta.

Misturar 125 gramas de manteiga com duas colheres de pó de mostarda inglesa, passar esse creme na carne e levar ao fogo, sem água nem molho.

Em separado, preparar uma nova porção de manteiga com mostarda análoga à primeira. Quando
a vitela estiver bem cozida, tirála do fogo, cortar em fatias, colocar num prato, tirar da caçarola a manteiga que escorreu do
assado, juntá-la à nova porção de
manteiga e mostarda, juntar um
copo de vinho branco fervido, misturar bem e regar a carne. Se a
carne resfriou, levar ao forno por
cinco à dez minutos. Servir com

PASTEIS FRITOS. — Amassar rapidamente um copo de creme de leiteria com farinha de trigo para formar uma massa que se abre bem fina. Cortar rodelas de 6 a 8 centímetros de diâmetro. Colocar dentro de um pouco de recheio de carne, galinha ou camarão. Dobrar a massa, apoiar bem nas beiradas com os dentes do garfo, e pôr para fritar na gordura.

suxús em água e sal, deixar em seguida escorrer bem a água e passar por uma peneira, juntar mela chícara de leite, uma colher de manteiga, três ovos inteiros batidos, três colheres de queijo ralado, uma colher de maizena. Despejar numa form a untada com manteiga; val assar no forno.

BATATAS, XUXÚS E CENOURAS COM QUEIJO. — Cozinhar
algumas batatas, xuxús e cenouras, e cortar em pedaços; untar
um prato que vá ao forno com
manteiga, arrumar camadas do s
legumes separadas por camadas de
môlho amarelo e camadas de queijo ralado. A última camada devo
ser de queijo por cima da camada
do môlho.

Mólho amarelo: um copo de leite, mela colher de manteiga e um pouco de maizena para engrossar.

PICADINHO COM ANG O DE FUBA. — Fazer um picadinho de carne de porco bem temperado e com mólho engrossado; em seguida preparar o angú pondo para ferver meio litro de leite com meia colher de manteiga; val se despejando dentro o fubá até o angú ficar com bôa espessura, não grosso de mais. Arruma-se o angú em volta da travessa, o picadinha no centro, e cobre-se tudo com uma camada de queijo fresco relado. Servir imediatamente.

FATIAS DE ABÓBORA (MO-RANGA) COM QUEIJO. — Uma tigela de abóbora cozida e passada na peneira, outra de aquear, dez gemas e 6 claras. Bater bem os ovos com aquear, juntar em seguida a abóbora, meio queijo ralado e duas colheres de manteiga. Vaí assar em taboleiro untado com manteiga, cortar em seguida em fatias e passar no acuear e cancla.

PUDIM DE QUEIJO. — Bater 16 gemas e 8 claras com 750 gramas de açúcar; depois de tudo bom hatido juntar meio quilo de queijo ralado (o queijo de Minas não deve ser salgado), meio quilo de manteiga muito lavada e por último uma colher de farinha de trigo peneirada. Pôr numa fôrma untada com manteiga, forno moderado.

BISCOITOS DE POLVILHO. — Um prato raso de polvilho azêdo, meia garrafa de leite coalhado de dois días, um pires de batatas inglesas, cozidas e reladas, 3 ovos. Enrolar os biscoitos com as mãos úmidas, a massa muito mole.

## COISAS QUE A GENTE DEVE SABER

Jamais use água quente nem fría para lavar sua "lingerie". A água deve ser morna, tanto a primeira como as outras, devendo ser usado para o mesmo fim, um sabão líquido, puro. Envolva depois as pegas lavadas em toalha de feltro e passe-as a ferro ainda úmidas.

Um véu amarfanhado é sempre desagradável e dá um toque feio ao chapéu. Nesse caso, querida leitora, você deve envolvê-lo em álcool e assim o deixar secar, depois de bem estendido. Ficará novo e bonito outra vez.

Jamais durma sem escovar seus cabelos. Este cuidado diário, pela manhã e à noite, preservarão o couro cabeludo de qualquer germe destruidor da vitalidade do cabelo, dando ao mesmo maciez e limpeza.

Se o seu vestido plissado fôr em "godet", jamais o guarde sem reunir as pregas cuidadosamente, ou por alinhavo ou por meio de tiras de pano, a fim de que não se desmanche o feitlo.

Quando fôr lavar seu vestido estampado não se esqueça de, na primeira água, "sem sabão", colocar um punhado de sal grosso até ficar desmanchado e deixá-lo de imersão durante algum tempo. Depois é que o lavará em água morma e sabão em espuma e em se-

guida, em diversas outras águas. Assim não há possibilidade de o ter manchado.

Para limpar as peles usadas deve-se molhar com benzina certa quantidade de serragem com a qual se fricciona a pele, sacudindo-a a miúdo para que a serragem vá caindo. Depois coloca-se a pele ao ar livre para se impregnar de ar fresco. Dá-se com uma vareta algumas pancadas a fim de retirar o restante de serragem.

Para variar um pouco o passelo de bicicleta às primeiras horas da manhā, é o melhor exercício para qualquer jovem que preze a estécica. Para calça cinza, indicamos uma blusinha verde cor bastante moderna.

Quando tiver que pregar um prego na parede, deixe-o antes dentro de água quente. Isso evita que o reboco se desprenda.

Para dar viço e beleza aos cabelos:

óleo de amendoas doces, 200,0; água de rosas, 50,0; óleo de rícino, 10,0; extrato de quina, 15,0.

Para firar as peles das amendoas, coloque-as em água quente por uns cinco minutos. Aperte-as depois entre o polegar e o indicador. As cascas sairão rapidamente. duas colheres de farinha de com uma de fubarina e oule maizena, tôdas dissolvidas ma chícara de leite com duas so cruas. Torna-se a levar a ola ao fogo para cozinhar, ndo sem parar, até que a a se despegue do fundo da a. Então despeja-se a massa uma pedra mármore, untauma aceite e deixa-se esfriar.

a massa, apoiar bem nas beiradas
vèzes, com os dentes do garfo, e pôr para fritar na gordura.

bos por
tes sotes s

República dos EE. UU. do Brasil - Maio de 1946

Nossa experiência pessoal no euidado a esta espécie de doentes ensinou-nos que, para curar os mervos, é muito mais benéfica a atividade do que o repouso. É cla-Fo que, nos casos de profunda prostação nervosa, é imprescindível o isolamento do enfêrmo e a sua manutenção na cama, alimen-#ando-o com leite e suco de frutas, a fim de recuperar o seu aniquilado sistema nervoso. Mas, após umas semanas de tal descanso, é recomendável que, pouco a pouco, volte à sua atividade anterior.

A princípio, alguns minutos por dia. Depois, de meia a uma hora e, assim, gradativamente, até que reintegre numa atividade normal, deixando de lado suas queixas, suas fraquezas, de suas dôres e de tôda espécie de sintomas que parecem recomendar o contrário.

Isso, que se deve fazer para que readquiram a saúde, os mais graves enfêrmos nervosos, aplica-se, de modo geral, a todos os casos. Somente três coisas podem garantir um equilíbrio nervoso completo: um bom emprêgo, uma afeição ou diversão absorvente, sã, e um sincero espírito religioso.

Aquêles que não gostam do trabalho que fazem devem esforçar--se por achar gôsto nêle ou trocáele por outro.

Talvez não exista, para esta regra geral, mais do que uma exceção: a da mulher casada, a quem ousamos aconselhar que se divorcie pelo simples fato de não gostar do trabalho caseiro, e a quem não resta, portanto, outro remédio senão o de procurar o aspecto agradável e interessante de seus afazeres, o que não é tão difícil assim.

Quando não se trabalha com gôsto e afa, o trabalho converte-se numa obrigação pesadíssima. Há pessoas às quais nada satisfaz; nem seu trabalho, nem a posição social que adquiriram, e tais pessoas aumentam, mais cedo ou mais tarde a legião dos doentes dos nervos.

Os que pretendem dominar seu sistema nervoso, mudar o curso de seus pensamentos, adquirir, de novo, o controle de sua maquinaria mental e recuperar a faculdade de tomar decisões e atuar como as mulheres e homens normais, devem entregar-se, com entusiasmo, ao trabalho, suprimir as férias excessivas, prolongadas, e procurar o modo de fazer com que seu trabalho dê o máximo rendi-

Achamos o maior contingente de neurastênicos entre as pessoas que não se ocupam com um trabalho regular. Estas pessoas devem tratar de salvar-se com um esfôrço produtivo que lhes ocupe tanto a mente a ponto de impedir-lhes pensarem em si mesmas. "Atividade": eis a palavra de ordem terapêutica para os neuróticos, sem que isso signifique, é óbvio, que devem exceder-se, no seu trabalho, além da sua resistência física.

Mas, não basta isso. Os que queiram curar-se definitivamente têm, do mesmo modo, que aprender a brincar outra vez. A todos os nossos doentes dos nervos recomo se se tratasse de um remédio, que tratem de procurar e achar um brinquedo ou uma distração que os interesse. É claro que evitamos indicar-lhes êste ou aquêle divertimento: não lhes impomos uma afeição determinada.

Procurar uma distração é coisa parecida com o procurar uma noiva. Em ambos os casos, é preciso que a gente se enamore por miciativa própria, pois, ao contrá-rio, o fracasso é inevitável. Por isso, limitamo-nos a receitar a necessidade de uma diversão: mas deixamos que o paciente namore aquela que êle próprio escolheu. Nossa definição de brinquedo é esta: algo pelo qual estejamos

### Pelos drs. William S. Sadler e Lena K. Sadler



sempre dispostos a sobrepor à comida; mas, algo, ao mesmo tempo, que nada tenha que ver com nossa ambição, trabalho, religião,

É fácil distinguir-se a diferença entre o trabalho e a distração. Vejamos, por exemplo, numa tarde de verão, os rapazes que jogam bola. Correm com entusiasmo, prestando a máxima atenção ao jôgo. Poucas vêzes nos é dado apreciar um mais belo exemplo de verdadeira atividade muscular. Mas, notemos, também, o que acontece quando, naquele momento, o pai de um dos rapazes aparece, com uma cêsta na mão, chama o filho e lhe manda buscar no armazém umas garrafas ou coisa equivalente. O menino obedece, mas, imediatamente, muda de ati-Anda como cansado, como se fôsse, repentinamente, atacado de uma paralísia parcial, em flagrante contraste com a energia que desgastava ao correr atrás da bola. Eis aí a diferença entre o trabalho e o jôgo, na hipótese em que, ambos exigem uma atividade muscular quase idêntica.

Ao propor êste exemplo, não queremos dizer que todos os jogos tenham que ser atos desportivos capazes de exigir um esfôrço fisico. Do mesmo modo, um doente dos nervos poderá curar-se jogando golf, colecionando flôres ou insetos, sêlos ou porcelanas orientais. Quanto a isso, faremos a mesma observação no que se refere ao trabalho: ninguém deve atingir, nas suas diversões, ao esgotamento físico.

A leitura é, também, um poderoso auxiliar. Mas, há um certo

tipo de leitura que, por produzir um esetto depressivo, deve ser evitada. O estudo da matemática é, às vêzes, um bom remédio. Uma pessoa nervosa deve, também, cultivar o bom humor, porque é inegável que a maioria dos doentes do sistema nervoso esqueceu do que seja a alegria. E tal coisa póde ser feita sem que esqueçamos trabalhos e distrações. Basta esforçar-se por ser carinhoso e amável com os amigos, com os companheiros de trabalho, com as amizades mais superficiais, e interessar-se por tudo e por todos.

Finalmente, não se póde esquecer que aquêles que possuem um sentimento religioso sincero são, em geral, mais felizes e mais sossegados de espírito do que os que dispensam, por exemplo, êsse altíssimo alimento espiritual.

A Austrália não possui cascatas como as do Niagára, do Iguassú e de Paulo Afonso, e os seus rios e montanhas, são ridiculos comparados ao Amazonas, do Mississipi e às alturas dos Andes e das montanhas Rochosas.

Todavia, possui um fenômeao natural, as furnas de Jenolan, da Nova Gales do Sul. Essas furnas estão situadas nas montanhas Azues, na vertente oriental da grande cordilheira, que divide as águas dos rios Fich e Cox. São muito extensas e impressionantes, devido à estrutura, apresentando, quando iluminadas pela eletricidade ou magnésio, cenas de portentosa delicadeza.

As furnas foram descobertas, em 1841, por Mr. Whelen e dois policiais de cavalaria, que andavam em perseguição de um famigerado salteador, chamado Mc-Keopu, o qual, para melhor escapar, se tinha dirigido para os fortes montanhe-Ràpidamente, espalhou - se notícia dessas belezas escondidas e isso foi o bastante para disputar o entusiasmo de um certo Jeremias Wilson, o qual explorou essas furnas, descobrindo cerca de 35 quilômetros de canais subterrâneos. Aí viveu mais de trinta anos como conservador das furnas, que passaram a ser muito visitadas.

AS GRUTAS MARAVILHOSAS

DA AUSTRALIA

O govêrno da Nova Gales do Sul, proclamou o distrito, em 1876, como propriedade pública e gastou consideráveis somas nas obras de exploração e desenvolvimento dessa maravilha que data da Idade Deroniana e que constitui uma atração turistica.

#### O ORIGEM DO VESÚVIO

Estudando a formação geológica da região de Nápoles, o professor J. Erasmo mandou abrir poços em diversos sítios do solo e achou, quase que em tôda a parte, extratos eruptivos e sedimentares. Já o professor De Angelis Orsat deduzira de suas investigações no poço de Maddalona, em 1902, que Vesúvio estava cercado por um círculo de extratos marinhos quartenários. Desta fórma os estudos dos professores De Angelis e J. Erasmo confirmam a tradição grega, segundo a qual o Vesúvio era primitivamente uma ilha e tôda a região que hoje o circunda foi formada tão sòmente pelas matérias por êle expelidas durante as

# "bomba - morcego" e o "ôlho infra - vermelho"

[Conclusão da primeira página] ções do radar, da mesma forma que o morcego se guia pelos écos das pulsações super-sônicas que seu próprio organismo emite durante o voo. A unidade de radar abrange um transmissor, um receptor, o circuito que indica a direção do objetivo e comunica sua descoberta por via elétrica ao "morcego" autopilotado. A trajetória do "morcego" é uma das coisas mais fantasticas que a mente humana já imaginou. Parecendo--se a um "robot" possuidor de olhos maravilhosos e sentido dire-cional, o "morcego" acompanha o navio, como um falcão que está prestes a lançar-se sôbre sua prêsa. Se o navio faz ziguezagues e voltas com o intuito de escapar, o "morcego" também faz acrobacias à procura de seu alvo. Quando, num determinado momento, seu radar "apalpa" em cheio o objeto, o "morcego" precipita-se sôbre o navio não perdendo mais o alvo, até reduzí-lo a pedaços.

Outra descoberta que adaba de ser anunciada nos Estados Unidos é a do "ôlho infra-vermelho", que póde enxergar à distância de 20 ou 30 quilômetros em plena escuridão. Conhecido como um bolometro super-condutor, foi inventado por um grupo de químicos, da Universidade de John Hopkins, em Baltimore, sob a direção de Donald H. Andress, que é técnico em química de baixa temperatura. Alguns detalhes deste aparelho ainda não foram revelados. Sabe--se que, diversamente do aparelho de radar, que póde ser localizado através das ondas que emite, o "ôlho" não denuncia sua presença

nem sua posição, mas recebe sòmente os raios das fontes infravermelhas. Apenas uma pequena classe de ondas electromagnéticas é percebida pelo ôlho humano e a esta classe denominamos luz. A radiação infra-vermelha não é percebida para o ôlho humano pois êle é cego para ondulações mais longas do que as vermelhas e as mais curtas que as de côr violeta. Os raios infravermelhos estão sendo empregados para diversos fins. ž possível, por exemplo, fotografar paisagens com a luz infravermelha, utilizando filme especialmente sensibilizado e um aparelho fotográfico comum equipado com um filtro sôbre a objetiva para excluir a luz visível. O uso mais importante da fotografia infravermelha baseia-se na possibilidade de, com seu auxílio, ser possível fotografar objetos escondidos por tempo nublado. Um feixe de raios infra-vermelhos é capaz de penetrar a distâncias muito maiores do que a luz comum.

O bolometro "vê" antes de loca-

lizar, pois é possível obter-se um esbôco efetivo do objeto observado, como por exemplo, trens, automóveis, ou um homem, se o instrumento for utilizado juntamente com um instrumento ade-quado de medida, tal como o oscilógrafo de raios catódicos. A valvula usada por Thompson para determinação de pêso dos electrons, hoje aperfeiçoada, é o oscilógrafo de raios catódicos, com a qual se póde medir correntes e tensões que estejam variando tão ràpidamente que não possam ser acompanhadas por ponteiros materiais. Para exemplo podemos citar alguns oscilógrafos moder-nos: "o ôlho mágico", conhecido cientificamente por célula fotoelétrica e as valvulas de televisão. Com o bolometro é possível estudar-se as perdas de calor na parte externa de um prédio, "olhar-se" o edifício no escuro e "ver-se" os raios caloríferos desprendidos das apresentando um aspecto muito chegado ao de uma fotografia real. As áreas de onde o calor se desprende acusam pontos brancos. Isto apresenta inteira semelhança com as fotografias tiradas com luz infra-vermelha. Nessas fotografias as sombras aparecem muito escuras e assim também o céu, enquanto as fôlhas dos vegetais aparecem muito brancas por refletirem bem as ondas luminosas

OS GRANDES CENTROS DO MUNDO MODERNO — Paris, o mais famoso de todos os centros comerciais e artísticos do universo, é uma cidade que faz inveja no que diz respeito ao seu traçado. A praça da Estrêla — "L'étoile" — onde fica o Arco do Triunfo — apresenta-se como o ponto de convergência das principais ruas paristenses, sobressaindo-se as avenidas "Champs Elisées" e "Victor Hugo", que a atravessam de lado a lado. O clichê acima, em suma, dá bem a impressão exata do que é o centro da "Cidade-Luz", onde o estrangeiro se boquiabre ante as maravilhas que encontra na Metrópole

Editor pesponsável: SERVIÇO AUXILIAR DE IMPRENSA [SAI] Rua Boa Vista, 234 - São Paulo